

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 3 - Espiando a Terra**

Em duas ocasiões, quando Israel estava contemplando e entrando na Terra da Promessa, espias foram enviados na frente. O primeiro foi desastroso porque foi a decisão do povo governado por interesse próprio, e, embora a concordância de Moisés concordasse e a aquiescência do Senhor, a verdadeira motivação foi finalmente descoberta. Após uma longa e profunda disciplina, o princípio do "deleite do Senhor" estava presente e a fé triunfou. Os espias podem ir com a aprovação e a benção quando a motivação é aquela da glória do Senhor, não a do homem. Acreditamos que o salto de primeira coríntios 10 para efésios, filipenses e colossenses, tenha correspondência com aquela mudança do primeiro espia para o segundo. Que, ao contemplarmos a gloriosa terra, possamos responder do mesmo modo que o segundo espia!

Das considerações preliminares, aqui estão algumas:

(1) O próprio Paulo estava - enquanto escrevia - ciente de que aquilo que tinha sido mostrado pelo Senhor estava muito além de sua capacidade de expressão. A própria frase "riquezas insondáveis" implica isto. Ela poderia ser mais corretamente traduzida como "indetectável", ou "inexplorável". Irrastreável, inexplorável, insondável. O próprio Paulo sabia estar imbuído numa tarefa impossível. Ele pediu aos crentes da Ásia para orar por ele, "para que, no abrir de sua boca, fosse lhe dada a palavra com confiança, a fim de tornar conhecido o mistério..." (Ef. 6:19). Ele se esforçava para falar de algo inexplicável, para penetrar em algo impenetrável, para compreender o incompreensível. O paradoxo de pregar o que não podia ser pregado caracteriza essas últimas cartas. Se esta era a realidade de Paulo, o que poderemos nós fazer, além de olharmos à distância!

(2) O que Paulo se propôs ou não a fazer. Paulo — nestes últimos escritos — não se propôs a escrever um tratado sobre este ou aquele assunto, tema ou doutrina. Há toda a diferença em relação a isto entre "Efésios" e "Gálatas" ou Romanos". Nenhum tratado particular sobre a fé levou o apóstolo - como naquelas cartas — a escrever esta, a maior de todas, embora isto possa ter sido parcialmente verdade em relação a "Colossenses". Em Efésios Paulo não está "raciocinando", arguindo, debatendo. Ele não está estabelecendo sua "Filosofia sobre o Cristianismo". Ele possuía um vasto e rico conhecimento sobre as idéias religiosas e filosóficas do mundo em que tinha vivido. Mas ele não está interessado em tratar disso, nem em comparar as outras religiões com o Cristianismo. O que Paulo realmente fez nesta carta endereçada a Ásia, e através da Ásia, a todos tocados pela Ásia (e inconscientemente a nós) foi fazer uma poderosa proclamação. Aqui nós temos um homem fazendo uma proclamação. Ele está simplesmente entregando uma "proclamação". É como uma transmissão imperativa para a qual o microfone é muito pequeno e inadequado. Isto não é algo que ele tinha pensado, que era fruto do seu grande cérebro. Ele atribuiu tudo à uma "revelação" dada a ele por iniciativa de Deus. Isto que o apóstolo está escrevendo é uma apresentação vital e, num certo sentido, consumada,

do longo processo da auto-revelação de Deus, que encarna a plena e final revelação de Deus e de seu eterno propósito. É por causa disto que Paulo se põe de joelhos e faz uma oração especial por seus leitores. (1:15-17). É por causa de uma lei e de um princípio fixo e inalterado que ele enunciou tão clara e enfaticamente em outra parte (1 Cor. 2:14-16) que as coisas espirituais, as coisas do Espírito, somente podem ser entendidas por pessoas espirituais. Precisamos falar sobre isto mais tarde, mas tudo o que está adiante de nós nesta carta será pouco, ou não passará de mistérios escritos, se não fizermos a mesma oração sobre esta mesma necessidade, antes de avançarmos adiante.

(3) As últimas cartas, sendo tão inclusivas em substância, naturalmente reúnem em alusão, se não em reafirmação, muitas das questões abordadas incidentemente nas cartas anteriores. Assim, em alusão, temos pontos vitais em Romanos, coríntios, Gálatas, etc. Seria necessário muito tempo e espaço para rastreamos e pontuarmos os casos. Algumas grandes palavras serão indicativas, tais como "redenção", "espiritual", "filhos", "graça", "adoção", "preordenados", etc.

(4) Nosso método será diferente do usualmente empregado ao estudar estas (e outras) cartas. A fim de que os estudantes da bíblia possam obter uma rápida, fácil e simples compreensão dos livros, as Cartas são usualmente reduzidas pelos estudiosos da Bíblia a esboços conforme o conteúdo e principais temas mencionados. Este é um método muito útil e valioso. Assim, temos tais importantes esboços e análises (de Efésios) como A Igreja do Dr. Campbell Morgan's — 1. O Chamado Celestial 2. A Conduta Terrena, cada uma dessas duas seções sendo divididas em mais três. Ou temos a Riqueza da Senhorita Ruth Paxson, Caminhada e Luta do Cristão; ou aquele pequeno livro de Watchman Nee, Sente-se, Caminhe, Fique Firme. Nós não temos a pretensão de que podemos melhorar tudo, pois este não é o método que empregamos, e desde já falamos isto. A partir do que segue, não será dada a você uma "visão de pássaro", como usualmente chamamos a visão genérica das coisas; mas sim uma visão de águia, que enxerga vastas extensões a partir de grandes alturas. Neste sentido, "Efésios" assume de fato o aspecto de águia do querubim - mistério e celestialidade. Nosso método será - por assim dizer - pairar sobre as crescentes eminências a partir deste cenário, ou, para manter o nosso título, ficar em pé e olhar com admiração as "riquezas insondáveis de Cristo" que são apresentadas nesses escritos finais, especialmente em "efésios".

Isto, então, é o que queremos dizer com "Espiar a Terra". No máximo podemos apenas ter um vislumbre das grandezas que estão incorporadas nesta carta. Porém, se pudéssemos enxergá-las, livres de todos os preconceitos, tendências e influências naturais, voltariamos com a mesma admiração e confiança que tiveram os espias da segunda investigação.

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 4 - As Riquezas Insondáveis**

Nós não iremos chegar muito longe no sentido prático e importar daí grande revelação até que tenhamos a chave em nossa mão. Uma vez tendo a chave, tudo será explicado quanto ao seu propósito e valor. Estranhamente, esta chave está na forma de um pequeno prefixo que — infelizmente — não aparece em nossas traduções. Ele ocorre duas vezes em "efésios" (nas principais conexões); quatro vezes em "colossenses"; uma vez em "filipenses"; e mambas as cartas a Timóteo, e em "hebreus" (se Paulo escreveu realmente "hebreus", isto não está em discussão, mas não hesitamos em afirmar que sua influência e concepção definitivamente estão nesta carta) Em nossa tradução temos a palavra conhecimento em efésios 1:17 e 4:13; em colossenses 1:6,9,10; 3:10; e em filipenses 1:9. Mas nestas e noutras cartas mencionadas, a palavra (no grego) possui o pequeno prefix "epi". Epi significa "cheio," e embora "conhecer" apareça sozinho em muitos lugares no Novo Testamento, ele significa — usualmente — o início do conhecimento, tal como "esta é a vida eterna, que conheçam a Ti como o único e verdadeiro Deus, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste" (João 17:3). Mas, quando nos movemos do princípio e alcançamos uma posição de maior maturidade, como nas cartas finais de Paulo, aquilo que é colocado diante de nós é o "pleno conhecimento" (Epi-gnosis). Portanto, o motivo pelo qual Paulo ora em efésios 1:17 é que os crentes que já avançaram em conhecimento possam ainda alcançar o pleno conhecimento. Esta é a palavra de maturidade. Esta, então, é a chave para tudo o que é apresentado aqui, e o que é apresentado é aquilo que constitui o pleno conhecimento. Tudo que iremos acrescentar mais adiante é que este conhecimento, ou pleno conhecimento, não é algo mental, intelectual, acadêmico, obtido por meio de leitura, de estudo, de audiência (embora possa vir através disso), mas, como Paulo enfatiza, o conhecimento vem por meio da revelação do Espírito Santo. É pela revelação do Espírito Santo. Para nós agora, desde que as Escrituras foram completadas, a revelação não é algo extra Escritura, mas é revelação ou iluminação quanto ao que está nela; e é algo inesgotável. Voltaremos a isto mais tarde.

Vamos anotar algumas das

#### **Maiores Características da última Revelação**

Quanto a como o apóstolo chegou ao pleno conhecimento que ele tinha, podemos apenas dizer duas coisas, as quais são conhecidas. Uma era mais genérica, "espírito de sabedoria e revelação do pleno conhecimento do Senhor, tendo os olhos do coração iluminados..." etc. Isto é um direito de nascimento de todo cristão, mas ele depende da obediência a toda averdade ou luz já concedida. É a isto que João faz referência: "a unção que recebestes vos ensina todas as coisas" (1 João 2:27). Mas, no caso de Paulo, por causa do seu ministério especial, foi dado a ele revelações especiais, como quando ele foi arrebatado (em visão, sonho ou transe) ao terceiro céu e ouviu coisas indizíveis (2 Cor. 12). Se seguirmos esta mente iluminada e inspirada do apóstolo, seremos levados para e através das "eras", desde a eternidade passada até a que

ainda está por vir. Teremos um vislumbre do que aconteceu em cada uma dessas eras, e qual era, é e será a característica de cada uma delas.

Há quatro dessas eras referidas:

1. "Antes dos tempos eternos";
2. da criação até Cristo — a era do Velho Testamento;
3. Da encarnação à era da consumação;
4. "a era das eras."

Entre o 1 e o 2 há um evento que afetou todo o curso e característica das coisas desde o 1 até o 3, como veremos.

### **Antes dos Tempos Eternos**

Precisamos observar que o apóstolo mal havia começado esta carta (aos efésios) e já abriu as comportas desta revelação reprimida; que ele levava seus leitores de volta para o passado o tempo todo, e os deixava naquilo que ele chamou de "antes da fundação do mundo". Esta é uma linguagem que ele usou mais do que uma vez: "antes dos tempos eternos" (2 Tim. 1:9; Tito 1:2). Após realizar este longo vôo de volta no passado através dos séculos e milênios, ele insinuava o que ocorria naquela eternidade passada. Duas coisas são indicadas e afirmadas. Nos conselhos Divinos, o Filho de Deus foi designado e nomeado como sendo a eternal esfera de tudo aquilo que seria de Deus. "Nele" é a definição (Efésios 1:4). Duzentas vezes o apóstolo usa este termo, em variadas formas, em suas cartas. O escritor da carta aos Hebreus afirma a mesma coisa em palavras precisas: "a quem Ele constituiu como herdeiro de todas as coisas" (Heb. 1:2). Isto não é conhecimento exclusivamente de Paulo. Tanto João como Pedro também falam da mesma coisa, em relação à posição eternal do Filho de Deus. Porém, Paulo é quem discorre mais sobre esta designação. Então, primeiro "antes dos tempos eternos", o Filho de Deus - que agora recebeu um nome que Lhe pertence para todo o sempre, "nosso Senhor Jesus Cristo" (Efésios 1:3) — foi determinado o território que inclui tudo aquilo que iria pertencer a Deus. Como uma raça iria estar "em Adão" (1 Cor. 15:22); como uma nação nasceria da semente de Abraão (Rom. 4:13, etc.); e como a colheita se daria num único grão de trigo, de modo que o Filho de Deus pudesse ser o conteúdo de tudo aquilo que finalmente seria de Deus. Assim, o apóstolo liga a Pessoa às pessoas: "Ele nos escolheu nele." Isto se deu nas deliberações Divinas. Este conceito não é desconhecido para nós. O próprio Jesus fez referência a isto: "por causa dos eleitos...", " ...se fosse possível enganaria até mesmo os eleitos" (Mat. 24:22,24; ASV). "Não fará Deus justiça aos seus eleitos?" (Lucas 18:7), etc. Pedro também usa este termo (1 Pedro 1:1).

Naqueles conselhos eternos, um "povo", um "corpo", uma "nação", foram determinados e garantidos," o que justificou a nomeação do Filho. Não, nós não iremos discutir a respeito da predestinação" ou "preordenação". Tudo o que iremos dizer neste momento é que duas coisas governam este assunto da eleição Divina. Uma é que se trata de algo corporativo; é um "Corpo", e, assim como um corpo físico foi preparado para o Filho de Deus na encarnação — "um corpo me preparaste" (Heb. 10:5) — do mesmo modo, um "Corpo" corporativo foi preparado para Ele. Isto foi tão essencial como o foi para o espírito ter um corpo, para todos os fins práticos.

(Falaremos mais disto mais tarde) A outra coisa governante é que, de forma simplista, esta eleição não é para a salvação, mas para o propósito. Isto é fundamental para esta carta aos efésios. Veja quão grande e quão poderoso lugar o "propósito" terno tem na mente e nas cartas de Paulo. É este "propósito" que determina tudo nos caminhos de Deus! As exortações, as admoestações, os encorajamentos, os avisos, as súplicas, estão todos relacionados ao "Seu propósito" na salvação. Quanta coisa há que está enormemente associada a este remover do véu de sobre os conselhos eternos! Deles vêm as deliberações e atividades de Deus: "o qual opera todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade". (Efé 1:11,5, etc). Veja, também, Romanos 8:28-30.

Devemos, contudo, lembrar-nos de que há algo absolutamente preeminente e predominante que determina todas as coisas, do qual e para o qual todas as coisas convergem. É este algo que explica tudo que está nesta carta e em todas as Escrituras. É o lugar do Filho de Deus. É isto que realmente explica o chamado, a conduta e o conflito. É isto, então, que é desde a eternidade passada, que se sobrepõe ao tempo e a eternidade que está por vir, afetando, determinando e governando "todas as coisas". Para fundamentar isto basta apenas passar os olhos através desta carta e observar quão frequentemente o Senhor Jesus é realmente mencionado. Seu próprio nome é mencionado umas quarenta e quatro vezes, somado a isto, observe os muitos pronomes - "Ele", "O", "Seu" e "quem".

Frequentemente tem sido falado que o critério pelo qual a verdade ou o erro em qualquer sistema de ensino religioso é determinado é o lugar que ele dá ao Filho de Deus, Jesus Cristo. Este é um critério infalível.

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 5 - O Trágico Interlúdio**

Mencionamos que entre o "antes dos tempos eternos" e a primeira era de tempo aconteceu algo que afetou de forma trágica todo o curso dos eventos. A Bíblia tem muito a falar sobre isto, e Paulo, em suas três últimas cartas (excluindo aquela a Timóteo, Tito e Filemom) dá um importante lugar e significado a este evento. Nós nos referimos à invasão do universo pelo

#### **Grande Cisma**

Quanto à Carta em particular com a qual estamos ocupados, há três alusões a este rompimento cósmico.

A primeira, e este é um fator supremo no significado de Cristo, encontra-se numa frase bastante curta. O contexto maior é este (capítulo 1:9,10): "descobrimos o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito, que propusera nele (Cristo), na dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas nos céus e na terra; nele, digo ...". A frase que queremos é "convergir todas as coisas em Cristo".

A palavra (um longo composto grego) "convergir" significa "trazer de volta e reunir em torno do ponto principal", isto é, "em Cristo". Isto significa reunir "todas as coisas". Na carta companheira, Colossenses, Paulo diz: "Pois nele todas as coisas foram criadas, nos céus e na terra" (1:16). Isto significa que originalmente todas as coisas estavam no Filho de Deus. Para que pudesse ser dito que na plenitude dos tempos todas as coisas serão reunidas ou trazidas de volta nele, significa que algo aconteceu e removeu as coisas de Cristo. Oh, quanta coisa há que nos mostra isto! Jesus disse que Ele veio para "buscar e salvar o que havia sido perdido". Ele deu uma parábola dos lavradores maus que mataram o herdeiro, a fim de se apropriarem da herança. Jesus disse que "todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores" (João 10:8). Este é um aspecto da verdade que possui muito ensino nas Escrituras. Algo foi feito para roubar o lugar e o direito do Filho de Deus no propósito eterno de Deus, tornando necessário reunir, rejeitar. Voltaremos a isto mais tarde.

A segunda coisa a apontar este grande evento e a mostrar a ruptura é o estado, a condição contra a qual o propósito revelado nesta carta se coloca. É um quadro horrível.

"Mortos em vossos delitos e pecados," "andastes Segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência ... nos desejos da nossa carne ... por natureza éramos filhos da ira" (Efé. 2:1-3). "Naquele tempo estáveis separados de Cristo ... sem esperança e sem Deus no mundo" (2:12) ... como caminham também os gentios, na vaidade dos seus pensamentos, entenebrecidos no entendimento, alienados da vida de Deus ... havendo perdido todo o sentimento ... entregaram-se à lascívia e impureza" (4:17,19). Como surgiu tudo isto se todas as coisas estavam originalmente no Filho de Deus? Tudo isto está fora e separado de Cristo! Seguramente podemos dizer: "Um inimigo fez isto".

Muito bem: passemos à terceira coisa nesta carta que aponta para o grande cisma. Quão conhecidas são as palavras, porém, quão pouco conhecido é o seu vasto e sinistro contexto. "A nossa luta não é contra a carne, nem contra o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais". "Estai firmes ... e, após feito tudo, permanecer firmes" (Efé. 6:12-14).

As relações entre o Filho de Deus e todo poder que pertença ao Maligno e suas hostes estão tão estremecidas e interrompidas que é impossível haver algum apaziguamento, ou compromisso, ou amizade, enquanto este poder do mal não seja totalmente destruído. Este grande cisma teve início em algum lugar fora desta terra; e, então, invadiu a terra, e tem sido a fonte e a causa de todos os cismas e disrupções na história. A Bíblia rotula este ser responsável pelo cisma de Satanás, o Diabo.

Por algum tempo, o racionalismo, a teologia liberal, a psicologia e certos filósofos ridicularizaram a existência pessoal do Diabo, e aquilo que a Bíblia atribui a ele era explicado como apenas neurose e complexos; isto é, o mal nada tem a ver com espíritos malignos ou "Satanás", trata-se apenas de distúrbio nervoso. Demonologia é apenas uma forma de mitologia. Assim, Satanás jogou seu truque de mestre ao persuadir os homens a crerem que ele não existe. Porém, o mundo tem tido alguns choques na história recente, e tem havido um positivo desmascaramento da mais terrível malignidade neste mundo e no comportamento humano. Não apenas naqueles campos chamados de "selvagens", "não civilizados" e "atrasados", mas, por pura diabrura, maldade e crueldade calculada, nada tem sido pior do que aquilo que tem acontecido entre aquelas pessoas consideradas "cultas" e "avançadas". O próprio "avanço" (?) científico dessas pessoas tem sido empregado para se cometer os horrores mais inadmissíveis. Poderíamos escrever muitas páginas a respeito, mas nos abstermos. A Bíblia está muito correta ao mostrar a forma de agir deste mundo, e também ao revelar este poder pessoal maligno que está sempre mal disposto em relação à humanidade, particularmente aqueles que se aliaram ao Filho de Deus. A batalha por unidade é um conflito doloroso e desgastante. A disrupção entre as nações se dá em passos acelerados, e entre o povo de Deus não há nada tão sagrado que possa escapar desta determinação cósmica de impedir a menor aproximação de amizade com Deus. Naturalmente, há muitas "sociedades" e "fraternidades" que ainda restam, mas Satanás não está nada contente. Não cometamos erros a respeito desta questão. A Bíblia não nos deixa dúvidas disto, ao final da era, cada elemento do universo irá assumir traços inconfundíveis de intensificação. Isto, naturalmente, é lógico somente se o final for plenitude em cada conexão. Seja qual for a sua interpretação de Apocalipse 12, precisamos observar que o encurtamento do mandato de poder de Satanás é marcado pela vinda da grande ira à terra (Apo 12:12)

Mas, retornando a "Efésios", o grande sumário da história espiritual. Devemos observar particularmente que o apóstolo traz, em plena e definitiva declaração, que a Igreja — o Corpo de Cristo — está envolvida nesta guerra das eras e tudo o que ele escreveu leva a isto. É como se ele dissesse: "Tudo o que tenho escrito sobre os conselhos eternos de Deus; o lugar e o propósito dos eleitos — o Corpo de Cristo; a redenção deste Corpo e a sua união com a sua Cabeça; sua vida, característica, caminhada e trabalho nesta dispensação; e o grande objetivo

e propósito estabelecido de Deus para reunir no final todas as coisas em Cristo é o objeto e a ocasião de um imenso, incansável e cada vez mais intenso conflito, no qual invisíveis e incontáveis forças do mal estão implacavelmente se opondo ao propósito e a tudo a ele relacionado". Paulo diz isto por causa do ministério confiado a ele, que é o de tornar conhecido tudo aquilo ao qual ele estava preso e fora feito prisioneiro. Ele mostra que este antagonismo de inteligências espirituais será direcionado a tudo que tenha relação com o serviço cristão, e isto implica que, se os ministérios não forem apenas "departamentos" ou aspectos do Cristianismo, mas um todo corporativo, solidamente inclinado a um único objetivo (Efé. 4:13), este caráter corporativo irá constituir a mais séria ameaça ao reino do mal, no sentido de remover todo o seu veneno, bem como quebrar e neutralizar todos os seus esforços. O apóstolo define esta oposição como "astutas ciladas do Diabo". Ele, então, contrapõe um contra o outro, a armadura de Deus e as astutas ciladas do Diabo. É a provisão de Deus para enfrentar as "artimanhas" satânicas. Por meio de meios simbólicos, Paulo mostra a natureza dessas "artimanhas". Do lado positivo, Divino, os pontos de ataque são "Verdade", "Justiça", "Paz," "Fé," "Salvação," "A Palavra de Deus". Contra toda forma de mentira sutil, Deus providencia o cingir-se com o Espírito da VERDADE. Contra as acusações e condenações do curacao, Deus prove "A JUSTIÇA de Deus através da fé em Jesus Cristo". Contra o medo que torna a caminhada, os pés, instáveis e inseguros, Deus prove "a PAZ de Deus, que excede a todo o entendimento". Contra as sugestões, idéias, pensamentos, imaginações e raciocínios que atacam a mente — a cabeça, Deus provê SALVAÇÃO por meio da Graça. Contra os ataques à credibilidade das promessas de Deus, Ele faz com que o Espírito Santo rebata e retalie com a certeza da PALAVRA. "Sobretudo", e em relação a tudo, Deus diz 'tomando, sobretudo, o escudo da FÉ'. Mas, observe, Deus não vestiu o seu povo com toda esta armadura; Ele simplesmente colocou-a a nossa disposição, e, então, diz: "tomem para vocês". Precisa haver uma iniciativa da nossa parte, pois a passividade não é condizente com a batalha. Queira Deus que, quando estes dardos inflamados começarem a voar, nós, intuitivamente, lancemos mão e nos apropriemos da nossa arma de defesa! Devemos estar conscientemente vestidos com a nossa armadura.

Como dissemos, Paulo, em suas últimas cartas, deu muita ênfase a este conflito das eras; não podemos encerrar este capítulo sem uma referência a "Filipenses". Em "Colossenses" tal conflito é óbvio (ver 1:13,20; 2:15), mas em "Filipenses" ele é mais por inferência e alusão. Cremos que, quando Paulo, ao escrever sobre o auto esvaziamento do Filho de Deus, que "embora Ele fosse igual a Deus, porém não usurpou ser igual a Deus, mas esvaziou-se a Si mesmo" (2:6), o apóstolo estava fazendo uma alusão à ambição orgulhosa de "Lucifer" em querer ser semelhante ao Altíssimo (Isa. 14:14; Lucas 10:18). Se esta for uma interpretação correta, (cf. 2 Ped. 2:4 e Judas 6), então o cenário em Filipenses 2, em consonância a outro ensino no Novo Testamento, é aquele do Filho de Deus tornando-se o Filho do Homem, assumindo a forma humana, a fim de travar este combate com o usurpador.

"Um último Adão veio à luta e ao resgate".

E Paulo, um "bom soldado de Jesus Cristo," na mesma carta (Filipenses 3) prossegue em mostrar que o caminho da vitória é aquele onde "consideramos todas as coisas como perda".



Vamos resumir.

"Antes da fundação do mundo" houve o Conselho Divino, chamado de "O beneplácito de Sua vontade," "O mistério da Sua vontade," "O propósito daquele que opera todas as coisas segundo o conselho de Sua vontade", "o propósito eterno" (Efé. 1:4,5,9,11; 3:11). Nessas deliberações, algumas decisões bastante definidas foram tomadas. Tais decisões foram bipartites.

1. O Filho de Deus foi "nomeado como herdeiro de todas as coisas". A esfera e domínio de todas as coisas (Heb. 1:2; Efé. 1:10,11).

2. Um povo eleito foi "escolhido" no Filho para ser o Seu complemento, para ser um vaso corporativo de Sua expressão e administração, denominado Seu Corpo, Sua Noiva, Sua Igreja, etc.; vocação sendo a idéia desta eleição e predestinação (Efé. 1:4,23; 5:25-32; 4:1).

3. Subsequentemente a esta nomeação e eleição dupla, surgiu uma grande revolta entre os seres celestiais, liderada alguém de posição muito elevada, provavelmente quase próxima ao topo. Orgulho e ciúme acerca da designação do Filho foram as causas desta revolta, o lugar de "igualdade com Deus" sendo aspirado por aquele ser mais elevado. Ele, e as hostes em cumplicidade com ele, foram expulsos do céu e "não guardaram o seu primeiro estado" (Judas 6, A.V.). O cisma, a ruptura e a divisão no céu trouxe a ira de Deus sobre eles, causando uma eterna e mortal inimizade no líder deles contra o Filho de Deus e contra a humanidade, o pretendido e potencial vaso de Sua glória. Então, a humanidade foi atingida já no início, após a criação, e a especial inimizade foi focada naqueles que mantinham a fé em Deus e traziam as características do Filho de Deus. Como inicialmente, assim também através de todas as eras, o único objetivo e a única atividade do inimigo tem sido separar, dividir, desintegrar a humanidade, e mais particularmente os "eleitos", o povo de Deus. O objetivo é neutralizar o propósito de Deus e o Seu vaso ungido e escolhido. Nesta batalha acirrada, a Igreja é vista como estando profundamente envolvida. Deus fez uma provisão total, a fim de que a Igreja possa enfrentar e se manter firme contra o grande inimigo. Este é um resumo geral do real ensino e implicações de um aspecto desta "Carta aos Efésios".

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 6 - A Era do Segredo Escondido**

"Em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens."

"Desde todas as eras esteve escondido em Deus" (Efé. 3:5,9).

"que esteve oculto em todas as eras e gerações" (Col. 1:26).

Pode se ver que nós escolhemos a palavra alternativa àquela nas relevantes Escrituras, isto é, "Segredo" ao invés de "Mistério". Nossa razão ao fazer isto é evitar a necessidade de gastar muito tempo explicando que Paulo não estava pensando em termos de mistérios religiosos pagãos, tornando o Cristianismo uma religião como qualquer outra, com diferenças. Nem estava ele pensando em algo misterioso. Temos ouvido as pessoas falarem de um "Cristianismo místico" e de um "Corpo de Cristo místico". Sentimos que tais termos são perigosos, porque abrem a porta mental para o misticismo, que é a falsa espiritualidade. O misticismo leva multidões de pessoas a uma posição totalmente falsa e enganadora, no que diz respeito ao Cristianismo. Queremos dizer aqui, com grande ênfase, que, ao contrário das muitas falsas definições sobre a Carta aos Efésios, que esta Carta está num outro mundo completamente diferente do misticismo! Ela é intensamente real e prática, e não há quaisquer ilusões sobre isto. Usar a palavra "segredo" serve para ser facilmente compreendido, ao passo que "mistério" sugere à mente comum algo distante da compreensão. Com "segredo", o simples significado é que algo não era conhecido, por ser desconhecido, ou estar mantido em reserva. Isto será mais plenamente definido à medida que avançarmos. Neste capítulo nós estamos mais preocupados com o fato do segredo, não com a natureza dele, a qual será o assunto do capítulo a seguir. Quanto ao fato, por isto entendemos que ele definitivamente existia e sempre foi, em todas as coisas, a grande realidade na mente de Deus. Na verdade, ele estava implícito, se não explícito, em todos os caminhos e meios de Deus. Não era nenhum mito, mas uma realidade muito positiva. Era o significado oculto dos caminhos de Deus, e dos meios por Ele empregado. Nós, a quem o "segredo" ou "mistério" tem sido agora revelado, de fato achamos muito difícil usar o Velho Testamento sem dar este significado. Mas, para o povo daquela dispensação, com raras exceções de iluminação parcial, apenas os eventos, os instrumentos e os objetos eram conhecidos. Eles faziam coisas e empregavam coisas porque lhes eram ordenados fazê-las. Todo o sistema deles - dado por Deus - era objetivo, exterior. Até mesmo onde e quando havia sinceridade, devoção, reverência e zelo, a coisa acontecia através de formas e meios exteriores. O coração podia estar em algo, e podia haver forte convicção de que aquilo estava correto, contudo, a verdadeira compreensão espiritual estava ausente. A falta de compreensão espiritual podia significar - e frequentemente significava - má compreensão, e esta má compreensão levava a um comportamento rígido e até cruel.

Este fato é vizível de forma gritante nos dias em que o Filho de Deus esteve aqui em carne. Quase chega a parecer que o Espírito da Verdade teve - entre outras coisas - a deliberada intenção, ao inspirar os Evangelhos, de expor este fato terrível de que os homens podiam estar

feroz e completamente comprometidos com as coisas exteriores e objetivas como tradição, rituais, dogmas, etc., e, ao mesmo tempo, estar completamente distantes de seu significado e valor espiritual. O apóstolo do qual estamos falando neste exato momento era anteriormente uma dessas pessoas. Na verdade ele achava que precisava fazer muitas coisas contrárias a Cristo, e ele veementemente fez o que acreditava ser o seu entendimento daquilo que a sua Bíblia exigia. É exatamente neste ponto que o apóstolo concentrou sua revelação em relação à mudança na economia Divina de uma era para outra. Este é o significado de suas palavras em relação ao mistério Escondido desde as eras e gerações. Ele conhecia, e ninguém conhecia melhor do que ele, a natureza e as características daquela economia do Velho Testamento. Era uma economia de externalidades, de rituais, vestimentas, liturgias, formalidades, lugares particulares, edifícios e localidades; homens vestidos de forma diferente de outros homens, nomes e títulos, classes religiosas, e mil e outras coisas que passaram a compor o sistema religioso; ordens, adornos e procedimentos. Era o sistema do visível, do tangível, do temporal e do palpável. Muito maravilhoso, elaborado, atraente, impressionante; os desfiles de sumo sacerdotes, sacerdotes e atendentes, com vestes, mitras e incensários, etc. Isto tudo era muito familiar para Paulo em sua vida anterior, e eram apenas coisas, ao lado do qual não havia nada comparável.

Agora, algo aconteceu que transformou tudo aquilo num sistema de sombras sem a substância: tudo - para ele - estava destituído de realidade, e pertencia ao passado, à infância. Sim, assim ele descreve em sua Carta aos Gálatas. Para ele, qualquer aproveitamento daquele tipo de coisa representava fracasso na compreensão da mente de Deus; fracasso no "crescimento"; fracasso na compreensão espiritual; um apego a coisas infantis: em uma palavra, era uma contradição ao próprio significado de Cristo e ao advento do Espírito Santo. Para Paulo a revolução foi radical e, embora ele amasse o povo daquele sistema prescrito, ele sentiu profundamente a falsidade da posição deles. Será em nosso próximo capítulo que iremos procurar mostrar o que era realmente aquilo que estava escondido das pessoas daquela era e daqueles que carregaram as características daquela era para além do tempo designado por Deus, para uma nova era, completamente diferente, até mesmo para o nosso próprio tempo.

No momento estamos tratando apenas com o fato inclusivo da ocultação. Há uma ou duas questões as quais temos que nos referir em particular. Uma tem a ver com aquilo que não estava escondido naquela era. Isto é necessário, a fim de chegarmos ao "segredo" essencial.

A vinda e a expectativa do "Messias", o "Cristo" (a mesma palavra em diferentes línguas) certamente não era nenhum mistério. Aquela "semente" tinha sido prenunciada imediatamente após o pecado ter entrado (Genesis 3:15) e Moisés tinha profetizado sobre o nascimento do Profeta (Deut. 18:15). Referências à vinda dEle são muitas: Seu nascimento, Sua vida, Sua unção, Seus sofrimentos e Sua glória.

Então, não havia qualquer segredo quanto à salvação sendo pregada aos gentios. Esta não é uma verdade exclusiva do Novo Testamento, nem uma parte do Mistério agora revelado. O mesmo é verdade em relação ao Reino de Deus. Isto não é um fato tornado conhecido pela primeira vez no Novo Testamento. Há outras coisas no Novo Testamento que também são muito evidentes no Velho.

Outra coisa que precisa ser enfatizada, por não ter mudado nas duas eras: é a lei básica de tudo aquilo que se relaciona a Deus. Alguma confusão tem vindo à mente de muitas pessoas em relação à mudança da lei para a graça. Tudo tem sido corretamente dito quanto a nós não estarmos mais debaixo da lei, mas sim debaixo da graça, porém, a idéia principal tem falhado ao afirmar que o princípio fundamental também mudou com as dispensações. Isto não é verdade. O princípio, ou a lei, que é a mesma em cada era é a fé. A fé não é uma lei menos governante no Velho Testamento do que o é no Novo; e não é mais importante no Novo do que era no Velho. No Velho Testamento, não eram as obras em si que justificavam. Nem em Abel, Enoque, Noé, Abraão, nem em qualquer outro da galeria mencionada em Hebreus onze era o que eles faziam que lhes dava acesso a Deus (embora houvesse um real valor naquilo que eles faziam), mas era a fé em Deus que era virtuoso. As obras sem a fé são tão ineficazes como o é a fé sem as obras. Não há qualquer conflito entre Paulo e Tiago. Eles são apenas os dois lados de uma mesma coisa. (Talvez Tiago fosse mais legalista do que Paulo) A chave para cada aprovação no Velho Testamento é "Ele creu em Deus". É muito claro que Deus colocou esta lei por baixo e por trás de tudo. Mudanças muito significativas existem nas duas dispensações, é verdade. No Velho, Deus abençoava de formas temporais e materiais. Obedeça a Deus; seja fiel aos mandamentos de Deus, e a benção estará sobre o "teu cesto e sobre a tua amassadeira"; sobre a tua família e sobre o teu campo. A prosperidade estará no teu trabalho e haverá facilitação para o teu sucesso. Mas, por baixo de tudo isto, havia a lei da fé. Ela é imutável com o tempo. Nenhum novo princípio foi revelado a Paulo. Isto nada tem a ver com a "revelação" em particular por ele recebida. O "segredo" está além disto, embora sua doutrina da justificação fosse admitidamente revolucionária e perturbadora. Ele apenas tornou dominante a fé na obra completa de Jesus Cristo, por isso o encerramento de uma velha ordem de coisas. Naturalmente, é necessário muito tempo e espaço para se elucidar a doutrina da justificação de Paulo, mas isto ele já fez para nós. Estamos dizendo que "o mistério", como revelado a Paulo, particularmente não é uma nova idéia sobre a lei da fé, embora a base da fé possa ter sido literalmente mudada, das obras dos homens para a obra consumada de Cristo. As obras em si mesmas não justificam, mas o homem justificado pratica as obras da fé.

É importante e útil saber que, na velha era, Deus não operava com uma mente diferente daquela que Ele opera agora nesta presente era. Sua mente é imutável em sua natureza e propósito. Se o Seu método e meios mudam, Seus pensamentos e objetivos permanecem o mesmo de eternidade a eternidade. Só porque Ele esconde estes conceitos numa era, isto não significa que eles não estão implícitos em tudo aquilo que Ele escolhe e usa. O que vem à luz na dispensação subsequente não é nada novo, no sentido de nunca terem sido nas movimentações de Deus. É apenas o que Deus tem consistentemente trabalhado o tempo todo desde o início. Assim, quando o segredo é revelado, somos capazes de vê-lo na maneira de Deus tratar as pessoas, povos e coisas desde o princípio. Não há pensamentos posteriores com Deus.

"A lei soberana no reino dos céus é como um TESOURO que UM HOMEM achou num campo, e o ESCONDEU, e, em sua alegria, vendeu tudo o que tinha e COMPROU aquele campo". (Mat. 13:44 — tradução livre).

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 7 - O Segredo Revelado**

"...foi agora revelado aos Seus santos apóstolos e profetas no Espírito"; "conforme o propósito das eras (R.V. margem) que Ele propusera em Cristo Jesus nosso Senhor" (Efé. 3:5,11).

Como chegamos agora ao cerne de toda a questão, é necessário repetirmos, primeiramente, que o apóstolo Paulo não reivindica exclusividade na revelação do mistério que por muito tempo permaneceu oculto. Todavia ele certamente e positivamente afirma que o mistério foi revelado a ele de uma forma muito específica e particular, e que esta revelação fez dele um "vaso" particular, e que ele foi escolhido e trabalhado pelo Senhor de uma forma que especialmente se relacionasse a este propósito, contudo, ele inclui os "santos apóstolos e profetas do Senhor" no conhecimento deste longo e escondido, mas agora revelado, segredo. É evidente que Paulo teve uma plena "compreensão" e, talvez, uma apreensão única do mistério, mas não é difícil de encontrarmos pelo menos traços parciais deste conhecimento em Pedro e João, como também em Estevão.

Também devemos enfatizar que o que o evangelho de Paulo não era diferente daquele pregado pelos demais, e, certamente, Paulo não tinha dois evangelhos, um sobre a "Salvação" e outro sobre o "Mistério". Quão frequentemente temos ouvido cristãos dizerem que eles estão interessados apenas no "evangelho simples", no "evangelho da salvação", e que eles não estão interessados em "verdades ou ensinamentos mais profundos". Paulo teria ficado surpreso e também entristecido ao ouvir tal declaração, pois o seu "evangelho" era um só, e ele diria que o evangelho é a revelação mais plena e mais profunda. Só pode haver grave perda e fraqueza resultante do fracasso em enxergar que "o pleno conselho de Deus" é o evangelho. A posição a ser lamentada em grande número de cristãos em boa parte se deve à falácia: à falácia de que é imprudente, se não fútil, dar a grandeza e a imensidão da revelação de Deus em Cristo a pessoas não salvas, ou até mesmo aos cristãos novos convertidos. Deixe-os tomar conhecimento da vastidão daquilo a que eles foram chamados! Um Cristo pequeno e um Cristianismo pequeno irão produzir cristãos pequenos! Alguns dos melhores e mais fortes cristãos que temos conhecido vieram para o Senhor em reuniões onde a grandeza de Cristo estava sendo descortinada aos cristãos, e cristãos em responsabilidade. "Voltar ao evangelho simples" pode ser uma armadilha, um suborno para aqueles que realmente não querem compromisso com Deus!

No momento que escrevo estas linhas, estamos no meio de uma obra em nossa casa atual. Martelos e brocas estão fazendo um barulho quase que ensurdecedor. Os trabalhadores estão dizendo: "Esta casa está bem construída. Os tijolos não estão apenas colocados juntos com cimento e areia comuns, mas também com concreto, e é muito difícil fazer um buraco." O edifício de Deus é parecido com isso, embora os homens construam - não para a eternidade - mas apenas para o presente. Mas, observe, não é apenas ensino profundo que defendemos, mas o Espírito Santo revelando Cristo.

Estas coisas nos trazem à mensagem e a substância desta carta em particular. Estando diante dela, encontramos a nós mesmos enfrentando algumas das maiores questões e problemas contra os quais os homens têm lutado, e ainda lutam, no Cristianismo. Esta carta responde a eles, mas quão poucos deles conseguem enxergar a resposta, e menos ainda que — ao conseguirem vislumbrá-la — estão preparados para segui-la. Num tempo de praticamente guerra mundial, há aqueles países que não tomaram parte no conflito, os quais perderam as honras porque “não são livres para participar”. Complicações internas, divisões e compromissos amarraram suas mãos, tornando-os neutros. Medo, interesse próprio e incapacidade de reconhecer as grandes questões morais mantiveram-nos como “isolacionistas”. Vamos afirmar logo que “A Carta aos Efésios” representa a grande crise religiosa na história do mundo. Ela nos diz que, da eternidade passada surgiu a revelação de um segredo que Deus teve mantido em oculto em todas as eras passadas. A revelação introduziu e inaugurou uma dispensação de maior importância e significado que as eras anteriores a ela. Ela nos diz que, para a ministração desta revelação, Deus escolheu, preparou e designou um instrumento em particular; um formado por Deus de modo particular. Este instrumento — Paulo — jamais fora ordenado ou designado para esta obra pelos homens, embora ele tivesse sido reconhecido e “enviado” pela Igreja. Ele jamais fora ensinado ou preparado para sua obra pelo homem. Ele recebeu tudo diretamente e em primeira mão a partir do céu. Ele foi tratado pelo Senhor de uma maneira que correspondesse completamente ao propósito para o qual ele fora escolhido. A carta que está diante de nós vai ao âmago de uma questão que tem crescentemente ocupado a mais séria consideração de toda a cristandade, e, talvez, seja a questão que esteja mais em voga hoje do que qualquer outra. É a questão de consequência muito real para todos os cristãos, mas, infelizmente, ela tem sido colocada fora do alcance da pessoa comum devido a um termo altamente intelectual que é tão amplamente empregado. A palavra ou termo muito utilizado desde cerca do ano 1900 é “ecumênico”, uma palavra de outro idioma. Naturalmente, algo impressionante é perdido se o seu significado simples for empregado, que é “todo mundo”; e o seu atual instrumento é conhecido como “O Conselho Mundial”. Este “Conselho” está se aplicando laboriosamente, a fim de encontrar uma solução para o caos e as complicações das divisões na cristandade. Por séculos as várias seções — chamadas de “Denominações” ou “Igrejas” — da cristandade têm tenazmente se apegado àquela posição na qual cada uma delas foram originadas e justificadas sobre uma base de autoridade da Escritura. Toda divisão tem feito esta reivindicação, e encontra sua força nesta convicção. Agora, o slogan do “Conselho Mundial”, ou “Movimento Ecumênico” é “esses homens divisões que precisam ser descartados”. Para uma de suas grandes convocações, o tema escolhido foi “A Ordem de Deus e a Desordem do Homem”. Isto foi susequentemente mudado para “A Desordem do Homem e o Projeto de Deus”. Porém, cada tentativa de resolver este problema, seja no geral, ou mesmo entre os evangélicos, enfrenta dificuldades insolúveis, e o único recurso é tolerar ou se comprometer apenas com temas relevantes. Assim, vários compromissos foram introduzidos no programa em prol da unidade. O grande problema das divisões no Cristianismo é tão sem solução através dos recursos humanos, como o são os muitos problemas inter-raciais.

Esta, então, é a tremenda situação de que trata esta carta, apresentando respostas. Nós já vimos que este grande espírito de divisão teve o seu início há muito tempo em algum ponto não

sabido no Céu, o qual dividiu as hostes angelicais em dois campos irreconciliáveis; mais tarde ele envolveu a terra, e tem tido uma longa história, ganhando força cada vez mais, multiplicando e intensificando as guerras. Então, ele invadiu o Cristianismo e a situação realmente é gravíssima. Assim, não é algo pequeno aquilo com o qual trata esta carta, oferecendo respostas.

Também vimos que o âmago de toda esta questão é alcançado e tocado por meio de uma frase que resume o propósito de Deus no final. Esta frase é: "De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra ..." (Efé. 1:10). Porém, embora possamos postergar isto para o final, para além desta era, a nossa preocupação é com a era presente. Não há maneira ou esperança de pelo menos uma aproximação a isto agora? A carta certamente nos deixaria em nosso dilemma se ela apenas apontasse para uma era future e não tivesse resposta para a presente tragédia. Mas ela tem a resposta. Esta resposta é dada por meio de vários meios e modos. Talvez a forma mais simples, mais direta, e mais útil será deixar que o próprio Paulo seja a resposta. Visto que o apóstolo faz tais afirmações fortes e categóricas quanto à sua própria revelação pessoal, será melhor examinar esta revelação, e o que ela produziu na vida deste homem. Notamos ao final do capítulo quarto que o nome pessoal de Jesus Cristo é mencionado umas quarenta vezes nesta pequena carta, além dos pronomes "Ele", "Seu", "Quem". Isto, em si mesmo, é uma pista forte. Em sua carta aos Gálatas, Paulo fez uma declaração nestas palavras:

Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai...");

"Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum ... mas pela revelação de Jesus Cristo";  
"Aprove a Deus ... revelar Seu Filho em mim". (Gál. 1:1,12,15,16).

Na carta aos efésios, que é a nossa consideração atual, o apóstolo faz muita revelação; de fato, ele baseia todo o "pleno conhecimento" em um "espírito de sabedoria e revelação". Muito bem, então; a resposta a esta grande questão que está diante de nós e que é o motivo de toda esta discussão e deliberação febril na cristandade é encontrada na revelação e apreensão do Filho de Deus. É uma questão de o Filho de Deus ter sido ou não visto pela operação do Espírito Santo.

O tipo de visão à qual nos referimos é uma época, um encontro, uma revelação, uma crise. Não havia poder nesta terra que pudesse transformar aquele fanático e intolerante rabino Saulo de Tarso, um "fariseu de fariseus", num "apóstolo dos gentios". (Rom. 11:13; A.V.); transformar o feroz e intolerante perseguidor e destruidor de tudo e de todos relacionados a Jesus em seu melhor amigo, defensor e devoto! Argumento não teria feito isto. Nem persuasão, nem perseguição, nem martírio teria afetado isto. Mas foi feito! Tal "conversão" suportou o teste de todas as perseguições, sofrimentos e adversidades possíveis ao homem pelo resto de sua vida. Além disso, providenciou a substância do maior de todos os ministros apostólicos; tão intrínseco a ponto de ter estendido e esgotado todos os esforços, através de muitos séculos, para penetrar, explicar e compreender. O que fez isto? Paulo responde: "Aprove a Deus ... revelar Seu Filho em mim"; ou, em outras palavras, "Eu vi Jesus Cristo".

Na fundação e raiz da vida deste homem estava um "ver" que dividiu a sua vida em duas, e o emancipou dos grilhões de uma ponderosa tradição. Ele disse: 'o Deus do grande decreto criativo, que disse haja luz, e houve luz, brilhou em meu curacao, e, neste ato luz, eu vi a glória de Deus na face de Jesus Cristo' (2 Cor. 4:6). Nesta face Paulo enxergou o propósito eterno em relação ao homem. Viu o método que Deus realiza o Seu propósito. Viu o vasto significado do Filho de Deus na criação e no universo: e viu — nesta Pessoa — a Igreja como sendo o Seu Corpo.

Não podemos exagerar demais neste assunto de revelação, iluminação, de ver. Ele é básico na salvação. (At 26:18). É essencial ao ministério eficaz (2 Cor. 4:6) e indispensável ao pleno conhecimento e crescimento (2 Cor. 4:6) Jesus realizou uma tremenda quantidade de visão espiritual, como uma leitura do evangelho de João irá mostrar. "olhos" eram — em Seu ensino — um criterio de vida ou morte. De fato, uma fundamental e preeminente obra do Espírito Santo tem a ver com iluminação espiritual e esta supremamente tem a ver com o significado do Filho de Deus, Jesus Cristo. Está em todas as Escrituras, mas ainda os nossos olhos podem estar fechados. Sejam bastante categóricos ao afirmar que jamais podemos ver a Igreja até que vejamos o Filho de Deus, e não podemos verdadeiramente ver o Filho de Deus sem ver a Igreja. Este é o ponto no incidente em Cesareia de Filipe (Mateus 16:16-18). Deixemos de lado todos os nossos debates quanto a Pedro ser a Rocha sobre a qual a Igreja está edificada, e nos voltemos para a real chave a qual Jesus disse: "não foi carne nem sangue que te revelaste, mas meu Pai que está no céu". 'Meu Pai que está no céu revelou isto'; revelou o quê? "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". O que, então? "Sobre esta rocha edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." Pode alguma coisa edificada sobre Pedro, mesmo Pedro convertido, resistir ao poder do inferno ou da morte? É o que Jesus Cristo é, revelado a partir do céu, que é o fundamento da Igreja, pois "outro fundamento não pode ser colocado" (1 Cor. 3:11).

"Efésios" é tremendamente contemporâneo, isto é, moderno. Em nosso tempo é costumeiro, praticamente instintivo, para cristãos reunidos pela primeira vez, perguntarem, ou serem perguntados, "a que denominação, ou missão, ou sociedade você pertence?" Algumas dessas perguntas são quase inevitáveis. A "Igreja" (?) é designada por um nome nacional, doutrinal, de estado, de cor, livre, um nome pessoal (e.g. Wesley, Lutero, Calvino, Menonitas, etc., etc.), por um título. Se o apóstolo Paulo visitasse a cristandade hoje e lhe fizessem tal questionamento tal como "associação," membresia, ele iria abrir bem os seus olhos, olharia com assobro e diria, "Oh, irmão, eu vi Jesus, o Filho de Deus, e, vendo-O, vi a Igreja, e nesta única e verdadeira Igreja não há mistura de nacionalidades, cores, nomes, ou diferenças e distinções sociais e culturais." "Em Jesus Cristo ... não pode haver nem grego, nem judeu, nem livre, nem escravo, macho, nem fêmea; pois todos são um em Cristo Jesus" (Gal. 3:28). "...onde não pode haver nem grego, nem judeu, nem circuncisão, nem incircuncisão, nem bárbaro, nem cita, nem livre, nem escravo, mas Cristo é tudo em todos" (Col. 3:11). Ele acrescentaria, "não pode haver nem Paulo, nem Apolo, nem Cefas, nem qualquer outro nome." O menor vislumbre de Cristo revolucionaria a nossa fraseologia, a nossa maneira de falar.



Um pequeno incidente pode ser o ponto aqui. O escritor ouviu isto de um bem conhecido servo de Deus. Em um dos Estados do Sul da América as ruas dos carros eram divididas para viajantes "brancos" e "negros", e a regra de separação era bem rigorosa. (tal lei não mais existe). Um ônibus estava prestes a partir do ponto de parada e a seção "negros" estava lotada. A "branca" também, exceto um lugar próximo a uma senhora aparentemente rica e bem vestida. Um homem negro, fraco, muito pobre e mancando se aproximou e implorou ao motorista para deixá-lo entrar, em virtude de que seu filho estava muito doente e ele precisava chegar até ele o mais rápido possível. O motorista empurrou o homem, dizendo que não havia lugar. O velho homem implorou novamente para que lhe fosse permitido entrar, mas foi duramente ameaçado pelo motorista. A madame voltou-se para o motorista e disse: "deixe-o entrar e ocupar este lugar ao meu lado". O motorista se opôs, dizendo que era contra a norma. Mas a senhora insistiu e impôs a sua vontade. Quando o velho homem desceu, outra mulher disse indignamente à madame: "Por que você permitiu que aquele negro entrasse em nossa seção?" Amadame respondeu: "eu sou uma serva de Jesus Cristo, e o meu Mestre não faz distinção de cores". Uma história simples e comumente, porém uma profunda exposição da doutrina Neotestamentária do Corpo de Cristo.

A revelação que Paulo tem de Cristo é "não há distinção..." E não que "todos estão no corpo conforme o que são nesta terra". Dado que todos são verdadeiramente renascidos e "batizados em único Espírito e em um único corpo", então há base para nos reunirmos acima dos problemas naturais. Naturalmente, não há realmente outra verdadeira Igreja. Novamente lembramos você da grande posição que Cristo ocupa na própria vida de Paulo e em suas cartas, e, naturalmente, isto irá determinar tudo.

Quantas coisas às quais damos tanto valor perderia tal importância e simplesmente recuaria de um primeiro ou segundo lugar se verdadeiramente víssemos o Senhor! Que mudança na maneira de falar e na conduta iria ocorrer sem esforço se verdadeiramente víssemos o Senhor no Espírito! Custosamente, sim, custosamente. Assim o homem em João nove achou, mas pergunte a ele se ele trocaria sua nova visão pela aceitação anterior. Leia novamente a avaliação que Paulo fez de sua revelação de Cristo em Filipenses três.

Mas vamos insistir e enfatizar muito fortemente que, embora Cristo, em toda a sua plenitude, tenha sido revelado e apresentado no Novo Testamento, este mesmo Novo Testamento deixa muito claro que, através da Palavra e pelo Espírito, aquela apresentação objetiva precisa ter uma contrapartida subjetiva no coração — no espírito — do crente. Ele irá nos mostrar que foi para este propósito que o Santo Espírito veio; é para este propósito que temos a habitação do Espírito. Paulo sinceramente orou por crentes já bem instruídos, para que eles pudessem ter espírito de revelação no pleno conhecimento de Cristo. Esta dotação e faculdade espiritual do céu aberto são destinadas a todos os cristãos. Mas, lembre-se, a procura é por um espírito absolutamente puro e honesto, e uma prontidão em aceitar e seguir com tudo isto que está envolvido. Aqui, a Cruz, isto é, Cristo crucificado, em sua aplicação mais profunda ao interesse próprio em toda forma é a Pedra de Escândalo, ou a Principal Pedra de Esquina; tropeçando e caindo, ou construindo e subindo. Algum orgulho, preconceito ou reserva irá nos encontrar mais cedo ou mais tarde naquilo que nos desviarmos do pleno propósito de Deus ao ter nos chamado.

Será uma tragédia se, no final, formos achados "estagnados", num "beco sem saída"; talvez numa situação confortável e livre de todo estresse da batalha, mas — do ponto de vista do céu — fora! Tal possibilidade era um temor constante de Paulo. "Para que, tendo anunciado aos outros, não venha eu mesmo ser rejeitado"; e há muito mais disso. "Se por todos os meios...", diz ele.

Devemos retornar à grande questão do "Mistério", pois há coisas relacionadas a isso em nossa Carta que precisam ser esclarecidas. Em todas as suas cartas Paulo usa esta palavra umas vinte vezes.

1. O mistério (segredo) do endurecimento que veio a Israel. Rom. 11:25.
2. O mistério da sabedoria de Deus. 1 Cor. 2:7.
3. Os mistérios de Deus. 1 Cor. 4:1.
4. Os mistérios em falar em línguas. 1 Cor. 14:2.
5. O mistério do Arrebatamento e da transformação do corpo. 1 Cor. 15:51.
6. "O mistério de Sua vontade." Efé. 1:9.
7. O mistério tornado conhecido a Paulo. Efé. 3:3,4.
8. A comunhão do mistério. Efé. 3:9.
9. O mistério da união entre Cristo e a Igreja. Efé. 5:32.
10. O mistério do Evangelho. Efé. 6:19.
11. O mistério que esteve oculto. Col. 1:26.
12. O mistério de Cristo em e no meio. Col. 1:27.
13. O mistério de Deus — Cristo. Col. 2:2; 4:3.
14. O mistério da iniquidade. 2 Tes. 2:7.
15. O mistério da fé. 1 Tim. 3:9.
16. O mistério da piedade. 1 Tim. 3:16.

(Alguns dos acima estão duplicados.)

Parece como se houvesse muitos mistérios, mas, se olharmos novamente, iremos descobrir que, pelo menos na maioria dos casos, o mistério se refere — de alguma maneira — a Cristo e à Igreja. Há poucas exceções a isto, e, quando esta palavra chega à particular concepção de Paulo, ela não está no plural, mas "o mistério", e ela está invariavelmente associada ao Cristo Pessoal e corporativo.

A próxima coisa que devemos considerar neste ponto de vista é o particular ponto de vista de Paulo. É um ponto de vista do alto. Cinco vezes nesta Carta aos Efésios ele usa a frase "nos lugares celestiais" (1:3,20; 2:6; 3:10; 6:12) e, desta forma, a frase não é encontrada em nenhuma outra parte. Esta é uma das frases de Paulo mais difíceis para qualquer um de nós entender. Não somos completamente ajudados por outras frases referentes ao céu, tal como "para que todo o joelho se dobre, dos que estão nos céus ..." (Fil. 2:10). A tradução "nos lugares celestiais" não é muito feliz. Mas vamos olhar para as várias referências.

1. O presente terreno e natureza das bênçãos dos crentes está nos lugares celestiais. 1:3.
2. Cristo está agora assentado nos lugares celestiais "acima de todo governo, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome ..." 1:20,21.

3. A posição de Cristo é dita ser também a da Igreja. 2:6.
4. Há principados e potestades nos lugares celestiais aos quais está sendo tornado conhecido, através da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus. 3:10.
5. O combate da Igreja agora não é no campo da carne e sangue, mas nos lugares celestiais com os principados e potestades, etc. 6:12.

Muito bem, então, o que temos? Simplesmente o seguinte: há um reino ou esfera acima e ao redor do material, do terreno físico e tangível, onde os interesses espirituais são supremos, onde atividades espirituais rivais estão em andamento. Grandes forças estão trabalhando neste território, e elas possuem uma constituição, um sistema ou uma organização adequada a este propósito. É um território dividido entre principados celestiais e demoníacos. De um lado há interesse de cooperação tanto com Cristo quanto com a Igreja. Do outro lado, não há apenas amargo e implacável hostilidade àqueles interesses, mas também um impacto sobre este mundo, este "mundo tenebroso", que pretende destruir tanto o povo quanto a terra como herança do Filho de Deus. Nós sabemos que elementos naturais acima da terra possuem uma influência ponderosa sobre a vida física aqui. Da mesma maneira, há forças e inteligências espirituais que exercem uma tremenda influência sobre a vida moral e espiritual neste mundo. É neste território que Paulo vê várias coisas que pertencem a este "mistério". Uma é aquela que Deus, entre conflito, confusão e tudo o que parece contrário, está desenvolvendo um "propósito" que, devido a Ele ser Senhor absoluto, irá não apenas lidar com as forças adversas, mas também irá mostrar a Sua superioridade e fazer com que as forças adversas sirvam para cumprir o Seu propósito. Esta é uma visão a longo prazo, e uma visão do alto, nos lugares celestiais.

Então, porque Cristo ressuscitou e foi exaltado e "está assentado à destra de Deus", Ele está nesta posição de forma representativa e inclusiva. A Igreja, portanto, está "assentada juntamente com Ele nos lugares celestiais"; isto é, no gozo do presente e final benefício de Sua Soberania.

E ainda, as bênçãos dos crentes estão agora não mais debaixo da velha, temporal, material e sensível economia, mas debaixo da "espiritual". "As riquezas de Sua graça"; "as riquezas de Sua herança"; "as riquezas de Sua glória"; "as insondáveis riquezas de Cristo," etc. — estas são todas frases de "Efésios". Essas bênçãos são para a Igreja e seus membros; os quais — através de sua união com Cristo em Sua morte e ressurreição — foram libertados e emancipados espiritualmente do "presente século mau" como sendo a esfera de sua vida, ambição e recurso natural, e cujos corações estão "fixados nas coisas de cima" (Col. 3:1-3). Se você realmente entrou no benefício de tais "riquezas", então você proporcionalmente tem chegado aos lugares celestiais. Embora estejamos corretos em conceber mentalmente os "lugares celestiais" como sendo um reino, não devemos confinar esta idéia geograficamente. Como o "Reino do Céu", ele é uma esfera ou domínio onde fatores, princípios, leis e condições obtêm e assumem preeminência. É por isso que usamos a palavra "proporcionalmente". Geograficamente nós estamos, ou não estamos, num reino, num país; mas, espiritualmente, podemos estar mais ou menos na natureza, caráter e benefício deste reino. Não é uma questão de definição de termos, mas de acordo, harmonia, ajuste e acordo espiritual. Num tempo de

grande benção, podemos dizer: "É como se estivéssemos no céu." É uma posição espiritual em unidade com as realidades espirituais. Embora pareça tão difícil de explicar, é realmente o fato e o desenvolvimento disso que todo crente verdadeiramente nascido de novo conhece sem explicação; isto é, que algo aconteceu por meio do novo nascimento que mudou a sua consciência, de modo que um rompimento ocorreu nele, em relação a um reino e a tudo que a ele pertence, dando lugar a uma união a um reino completamente novo. Tais crentes sentem que se eles pertencem a outro lugar, e que há um espírito neles que gravita em torno das coisas lá do alto. O Novo Testamento usa toda uma linguagem e palavras específicas em relação a isso, mas, é a consciência interior que é o fundamento para se aprender o significado. O desenvolvimento daquela "lei do Espírito de vida em Cristo Jesus" (Rom. 8:2) por meio de disciplina — talvez provação e erro — ou triunfo, é o caminho da "transformação pela renovação (fazer novo)da mente" (Rom. 12:2). Este é o curso normal da Igreja e do crente.

Mas nós ainda não trouxemos o presente aspecto da revelação de Paulo para um relevo suficientemente claro. Assim, para não sobrecarregar este capítulo, iremos dividi-lo, e continuar num outro, separado.

**Capítulo 8 - O "Mistério" Revelado**

Na maravilha e espanto desta revelação, devemos ser claros quanto à sua exata natureza e significado. Para fazer isto, devemos nos debruçar sobre frases chaves que corporificam e definem com exatidão o mistério. Descobrimos a declaração que dá a última e consumada questão: está em Efésios um, verso dez. Podemos nós achar nesta mesma Carta uma frase que traz este fim para a história, isto é, a operação que leva a este fim? Penso que podemos. É um fragmento na seção marcado como versos treze a vinte e dois do capítulo dois: "um novo homem". Toda esta seção é uma ampliação deste fragmento e deve ser cuidadosamente lida como tal. Tem havido pistas disto em outras Cartas de Paulo, porém, aqui ele reúne tudo, e não apenas isto, mas — como devíamos esperar, se a mente dele estava vagueando nas "eras" e o segredo oculto nelas — a Bíblia toda está compreendida.

Quanto às demais pistas, temos exemplos clássicos e impressionantes, tais como Romanos cinco, versos doze a dezenove. Aqui as duas genéricas e raciais cabeças são colocadas uma contra a outra — a "um homem" Adão, e a "um homem" Cristo; e o contexto mostra o significado de ambas. Outro tremendo exemplo está naquele capítulo de incrível iluminação, primeira Coríntios quinze. Está no verso quarenta e cinco: "O primeiro Adão tornou-se alma vivente. O último Adão tornou-se espírito vivificante" (ver o texto imediato). Em "Efésios" o Apóstolo primeiro se refere ao Cristo pessoal, e, então, prossegue para o corporativo, o "novo homem". Numa passagem anterior ambos aspectos foram mencionados: Primeiro Coríntios doze, no verso três, "Jesus" e "Jesus Senhor" é pessoalmente mencionado; no verso doze a frase "assim também o Cristo" (o artigo está no original) torna os membros e a Cabeça idênticos para o propósito prático de expressão (contexto): "Vós sois o Corpo de Cristo" (verso 27). A união é pelo "Um Espírito" na Cabeça e nos membros.

É em "Efésios" que este "um novo homem" é revelado plenamente. Se este é "o mistério oculto ao longo dos séculos e gerações", embora existente durante todo o tempo, podemos agora ver como este tem sido o conceito governante através de toda a Bíblia, isto é, a humanidade conformada a Cristo.

No princípio Deus disse: "Façamos o homem" — HOMEM. O salmista bradou: "O que é o homem?" — HOMEM? Na encarnação a designação predileta de Cristo era "Filho do Homem". Na redenção há "um Mediador entre Deus e os homens, o próprio Deus Homem" (1 Tim. 2:5). Na reconstituição há o Padrão do "Segundo Homem" (1 Cor. 15:47). Na exaltação e na glória a pergunta do salmista é respondida em Jesus: "O que é o homem?" (salmos 8:4; Heb. 2:6). Na consumação há "Um novo homem" — Homem. Há prefigurações no Velho Testamento. Adão era uma "figura daquele que viria" (Rom. 5:14). "O homem Moisés" (Num. 12:3). Davi era um "homem Segundo o coração de Deus" (Atos 13:22). Esses são apenas exemplos dentre muitos, e suas características apontam respectivamente para as características de Cristo.

Assim, ao longo de toda a história da Bíblia, há a sombra de um Homem, tanto individualmente como corporativamente. O conceito Divino d Homem governa todos os caminhos de Deus: na criação, na encarnação, na mediação; na Cruz, um tipo de homem é colocado de lado para dar lugar a outro; na ressurreição, como o Novo Homem — o "primogênito dentre os mortos" — reconhecido; na exaltação de Jesus como o Novo Homem" instalado; na segunda vinda do "Filho do Homem" para remover o restante da humanidade que rejeita a Cristo e para estabelecer uma nova ordem; na Igreja em termos de humanidade corporativa, o vaso e o veículo da plenitude e a manifestação de Cristo. Tudo isto é o que Paulo via na "face de Jesus".

A própria Igreja não é o "Mistério" revelado a Paulo, mas a Igreja como o Corpo de Cristo — O Novo Homem — no qual todas as distinções que não pertencem a Cristo não mais existam; esta foi a revelação. Teve que ser uma revelação do Céu para certo rabino, comprometido, fanático, Judeu fanático, com toda a sua ascendência, descendência, "nascimento", tradição, prática e "sangue" para chegar genuinamente ao lugar onde ele pudesse dizer com convicção 'onde não há Grego, nem Judeu, etc'; onde todas as paredes de divisão foram derrubadas; onde não há circuncisão, nem incircuncisão; onde não há "filhos" nem "estrangeiros", mas "todos são um em Cristo Jesus" (Grego: "Uma pessoa em Cristo Jesus" — o gênero é masculino).

Quão muitíssimamente o Novo Testamento é iluminado à luz do conceito deste "Novo Homem"! De fato, ele abrange todo o significado do verdadeiro Cristianismo. Ele dá real significado ao novo nascimento (João 3). Ele explica a Pessoa, a característica e a obra de Cristo. É o que o apóstolo Paulo quis dizer quando disse: "se alguém está em Cristo, nova criatura é" (2 Cor. 5:17; R.V. margem). E ele explica aquelas palavras em Romanos oito, verso vinte e nove: "...predestinados a ser conforme à imagem de Seu Filho"; e Efésios um, verso cinco: "...predestinados para filhos de adoção por Jesus Cristo". Tudo isto e muito mais indica qual é o propósito, obra e natureza específica desta dispensação. A obra na "criação que geme" é com vista "à manifestação dos filhos de Deus". (Rom. 8:19-23).

De forma abrangente, o Espírito de Deus que 'se movia na face das águas' (Gen. 1:2) está agora trabalhando sobre uma "nova criação em Cristo". Mas com uma profunda e significativa diferença. Na velha criação tudo começou e se deu a partir do exterior em direção ao centro — Homem. Na nova criação tudo começa e se processa a partir do interior, e o "homem exterior", o corpo, é a fase final da redenção e da nova criação: "A redenção do nosso corpo". (Rom. 8:23; 1 Cor. 15, etc.).

A obra do Espírito de Deus possui quatro aspectos nesta dispensação.

1. A segurança do novo homem. Esta é a evangelização e a apreensão dos indivíduos. No evangelismo a propósito final deve sempre ser mantido em mente, caso contrário, haverá fraqueza nos "convertidos" devido à motivação errada.

2. Através da segurança, a recriação do novo homem. Na velha criação Deus criou o homem — "formou o homem do pó da terra". ("O primeiro... é da terra, terreno"—1 Cor. 15:47). Na nova criação Deus começa com o espírito do homem, em seguida passa para a alma, e completa com o corpo. Tudo na nova criação é basicamente e essencialmente espiritual. Veja Primeira Coríntios, capítulo dois. O "homem interior" é o espírito do "homem renovado, nascido de novo,

renovado dia após dia". Aqui entra todo o ensino sobre o Espírito Santo e sobre a vida nova no Espírito, como tendo sido "nascido do Espírito", e "é espírito". (João 3:6).

3. Então segue a disciplina, o aprendizado e o crescimento do novo homem. O Espírito de Deus trabalha Segundo um padrão — "a imagem de Seu Filho"; "até que Cristo seja plenamente formado em vós" (Gal. 4:19); "Deus vos trata como filhos" (Heb. 12:7). É uma longa e dura transição do "velho homem" ao "novo", mas o fim governa todos os tratamentos e caminhos de Deus, a saber, a "imagem" ou "semelhança" que foi o principal conceito na criação do homem. "Façamos o homem conforme à nossa imagem, conforme à nossa semelhança" (Gen. 1:26); "Eu me satisfarei da Tua semelhança quando acordar" (Salmo 17:15).

4. Então, finalmente, o Espírito de Deus está trabalhando para constituir o "novo homem", Cristo corporativamente expresso; "o corpo de Cristo", "a plenitude (complemento) d'Ele; "a medida da estatura de Cristo," "o homem perfeito."

Tudo isto redundava, enfim, em plena e clara revelação nesta Carta de finalidade, "Efésios". É o Homem conceito de eternidade a eternidade, e este conceito tem estado, como uma sombra, sobre toda a história de Deus com o homem, e sobre a história do homem com Deus. Oculto aos olhos do homem de maneiras estranhas, inexplicáveis e misteriosas, em indivíduos de fé e num povo e numa nação peculiar, foi agora revelado aos filhos dos homens, em Cristo, que "Deus, tendo provido algo melhor a nosso respeito ... para que eles sem nós não fossem tornados perfeitos (completos)" (Heb. 11:40).

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 9 - A Igreja Local**

É de considerável importância observar que, embora a "Carta aos Efésios" seja uma apresentação majestosa da Igreja em sua completude, agrupando cada dimensão das eternidades em domínios e eras, apresentando os profundos conselhos de Deus, a Carta foi enviada a igrejas locais. Este fato possui algumas implicações bastante desafiadoras e penetrantes. Devemos lembrar os nossos leitores de que existe tal coisa tal como uma revelação positiva e definida do que seja a Igreja e qual é a base de sua unidade. Pode ser algo que devemos tomar nota o fato de haver uma preocupação e uma atividade mundial em relação e a favor da unidade dos cristãos, e tal preocupação deve nos encontrar plenamente sensíveis a ela. A grande diferença está, de um lado, entre o esforço massivo em querer se resolver o problema a partir do seu exterior, tentando colocar todos os pedaços juntos e, de alguma forma, ajustá-los, e, de outro lado, uma preocupação em querer recuperar o poder espiritual que irá permitir uma espontânea união. O primeiro é uma coleção e montagem organizada, composta e organizada, como o de uma máquina; o segundo é uma relação orgânica e espontânea de uma vida corporativa. O primeiro irá malograr repetidamente. O ultimo irá eventualmente emergir "uma gloriosa Igreja", sem mancha e sem ruga, ou qualquer outra coisa."

Porém, o que dizer a respeito da Igreja localmente representada? Devemos nos lembrar que, quando Paulo escreveu esta Carta e enviou-a para as igrejas locais, ele estava muito bem consciente das tendências, ou mesmo dos atuais movimentos em direção ao "desvio" e colapso nas igrejas. Ele havia predito isto em relação a Éfeso quando ele deixou os anciãos daquela igreja em sua viagem a Jerusalém: "Eu sei que após a minha partida lobos devoradores irão se introduzir no meio de vós ... e que dentre vós mesmos se levantarão homens ... para atraírem os discípulos após si". (Atos 20:29,30). Esta foi uma divisão incipiente. Porém, de sua prisão em Roma ele irá escrever: "todos que estão na Ásia me abandonaram"

Duas Cartas logo serão escritas a Timóteo (que provavelmente estava em Éfeso) as quais irão tratar com o início da mudança do Cristianismo original para tudo isto que ele tem se tornado agora. Essas Cartas tiveram o propósito de alertar contra o domínio eclesiástico, contra o clericalismo, o ritualismo, o sacramentalismo, etc., os quais invadiram a Igreja e mudaram a sua característica primitiva. Não, a cabeça de Paulo não estava nas nuvens e seus pés não estavam fora da terra quando ele deliberadamente escreveu esta Carta em relação ao que é a Igreja. Não há dúvida de que sua referência à Guerra espiritual foi porque ele sabia muito bem que a batalha tinha a ver particularmente com esta questão, mostrando de quão grande consequência ela é para as forças satânicas. É impressionante como qualquer apoio em prol de uma expressão verdadeira do Corpo de Cristo é carregado com mais conflito do que qualquer outra coisa. Se ela é uma congregação, isto é, um número de cristãos individuais que se reúnem num dado lugar para uma "adoração pública", sem qualquer vida e ordem de Igreja corporativa, ou se é um Salão Missionário principalmente destinado a pregação do Evangelho para pessoas não salvas; ou, novamente, se é um centro de pregação onde as pessoas vão para ouvir um famoso pregador



— tudo isso irá seguir de maneira tranquila, com pouca oposição interna e externa. Mas, deixe haver um movimento na direção de uma expressão corporativa do Espírito Santo dando testemunho de um Cristo corporativo, então a batalha acontece e tudo será utilizado a fim de dissolver tal expressão, desacreditá-la, ou, de alguma forma, anular o testemunho.

O livro de Nêemias é uma boa ilustração desta hostilidade diversificada. Novamente nós apontamos para "Efésios" como se referindo a um antagonismo espiritual maldoso ao propósito essencial da Carta. Neste primeiro particular, o universal é transferido para o local, e o local assume característica do universal. Uma verdadeira representação do eleito Corpo de Cristo é uma ameaça permanente e um sinal assustador ao Reino de Satanás porque é a Igreja que — enfim — irá eliminar e suplantar os "dominadores deste mundo tenebroso" e que irá governar com Cristo. Quisera Deus que o Seu povo enxengasse todas as suas divisões e problemas internos sob esta ótica, ao invés de sempre atribuir a elas "causas secundárias"! Esta é a primeira implicação de Paulo passar às igrejas locais toda esta imensa revelação do "Mistério". Há diversos outros fatores nesta Carta que carregam tais significados tremendos. Há aquele fator que o apóstolo menciona com um de seus superlativos. "As sobreexcelentes grandezas do Seu poder sobre nós, os que cremos, Segundo a operação da força do Seu poder, que manifestou em Cristo ressuscitando-o dentre os mortos..." (1:19). "E vos vivificou, estando vós mortos" (2:1). A igreja localmente representada deve ser e deve personificar o testemunho do "poder de Sua ressurreição". A Igreja, em sua história e constante experiência — mais do que doutrina — deve declarar este Cristo ressurreto.

A impressão primariamente dada deve ser de vida. O testemunho deve ser este, embora você possa estar exausto, cansado, muito cansado inclusive para fazer a jornada; desapontado e desanimado; esgotado física, mental e espiritualmente — você sai renovado, revigorado e erguido. A atividade da vida Divina resultou em ânimo espiritual. Observe a forma em que isto foi falado: "a atividade da vida Divina." Nós não dissemos: "a vida da atividade humana." Há uma ilusão ou desilusão em muitos cristãos e em muitas "igrejas" de que a atividade é essencialmente vida espiritual. Portanto, truques publicitários, programas, atrações, "esforços especiais", e um círculo infundável de "especiais". Isso tudo muito frequentemente tem a finalidade de dar uma impressão de vida, ou mesmo criar ou estimular a "vida". Pode ser vida de obras, e não obras de vida. A vida irá fazer obras, mas as obras nem sempre são vida. Esta foi a acusação da igreja em Éfeso: "Conheço as tuas obras... mas..." (Apocalipse 2:2). A vida Divina é espontânea e não forçada. Os mortos (espiritualmente) são ressuscitados, não por meios artificiais. O Senhor da Igreja é o Senhor Ressurreto, e o Seu atestado é vida ressurreta. Assim "o poder de Sua ressurreição" deve ser a marca de uma igreja verdadeiramente Neotestamentária. Muito frequentemente nós citamos as nossas próprias palavras do Senhor, quase como que uma fórmula: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali eu estou." Ao mesmo tempo a atmosfera pode estar pesada, sem inspiração, desprovida de uma ministração de vida Divina. É isto realmente consistente com a presença do Senhor ressurreto?

Prosseguimos com as implicações desta Carta. Se a igreja local é um microcosm da Igreja universal, então esta Carta irá nos mostrar que na representação local deve - e pode - haver

abundância de comida saudável e estimulante. Esta Carta tem alimentado e estimulado os crentes através de muitos séculos, e ainda os valores nutricionais são inesgotáveis. O ministério numa verdadeira expressão local do Corpo de Cristo deve ser um ministério ungido, e sendo assim, nenhuma alma deve jamais sair faminta. Não apenas sermões ou discursos estudados ou aprendidos, mas uma mensagem do céu que torna possível às pessoas dizerem: "verdadeiramente fomos alimentados hoje." Isto significa que o povo de Deus, sendo alimentado, está crescendo em estatura, em capacidade e em responsabilidade. Não apenas aumentando conhecimento ou doutrina mental, mas realmente conhecendo o Senhor. O critério do valor de uma igreja é a medida do próprio Cristo em Seus membros. Isto não é apenas idealismo; é o estado normal de uma igreja verdadeiramente constituída pelo Espírito Santo em qualquer lugar. O uso que Paulo faz da palavra "riquezas" nesta Carta indica quão espiritualmente rica qualquer companhia do povo de Deus deve ser.

Nós mostramos anteriormente que o homem por trás desta Carta é, em sua história espiritual, idêntico à sua mensagem. Iremos procurar mostrar agora que, em diversos aspectos, a história da Igreja, universal e local, deve seguir esta história espiritual do apóstolo.

1. A igreja em qualquer localidade deve nascer do céu. É a comunhão agregada e corporativa dos cristãos nascidos do alto. O que é, então, verdadeiro sobre cada cristão individual deve ser verdade sobre a companhia corporativa. Isto vai direto à raiz da concepção de Igreja, e será assim se estabelecermos aqui e agora que, nas Escrituras, nenhuma outra coisa é conhecida ou reconhecida como fazendo jus a este nome — Igreja Cristã. Isto irá peneirar a nossa consideração a partir de uma imensa quantidade que leva o nome, porém não é verdadeiro. A Cristandade ou o Cristianismo têm se tornado algo gigantesco que é o lar de todos os tipos de aves da criação. Tentar fazer uma unidade a partir de tal coisa é um embuste daquele a quem pertencem as "aves dos céus"; naturalmente, alguns melhores, outros piores, mas bem longe daqueles nascidos de novo; nascidos do alto. (João 3:5-13). Isto apenas significa que cada companhia local de cristãos, bem a sua origem como tais, deve ser algo feito pelo soberano Espírito Santo. Visto que a Igreja toma o seu caráter a partir de sua "Cabeça", seu "Primogênito", sua "Pedra Angular", a "Fundação", ela deve, em cada representação, ter sua origem no céu e incorporar a vida do céu. Isto significa que a formação da igreja pela ação do homem está descartada. Ela não é uma "instituição"; ela brota da vida. Deve ser possível dizer a respeito de qualquer igreja local — ou da Igreja em qualquer localidade — "Isto foi um ato de Deus". Convém observar que nós estamos procurando chegar até a raiz desta questão do que é Igreja, e o que ela não é. A primeira é a nossa preocupação. Estude o que — nos Evangelhos — Jesus disse sobre Ele mesmo e sobre os homens, e você tem a chave para o que a Igreja é realmente.

2. Isto leva à próxima coisa em relação à "igreja local". Se a Igreja nasceu do Espírito Santo, ela nasceu das dores de parto do Filho de Deus; então a lei do trabalho de parto deve estar bem na origem de qualquer representação verdadeira de ambos. No Novo Testamento a Igreja universal e as igrejas locais surgiram de um real trabalho de parto. O trabalho de parto, a agonia, e a dor de Cristo deu origem à Igreja no Pentecostes. Aqueles que eram seu núcleo foram batizados em Sua paixão. Eles sofreram o rompimento de suas almas quando Jesus

morreu. Daí a alegria jubilosa deles quando Ele ressuscitou. João 16:21,22 foi literalmente cumprido no caso deles. Isto não carece de qualquer detalhamento. Mas o que dizer das igrejas? Podemos nós colocar os nossos dedos sobre uma igreja Neotestamentária que não nasceu do sofrimento? Imediatamente tal igreja estava lutando por sua própria vida, por sua própria existência. Apedrejamentos, prisões, chicotadas, perseguições, intrigas, calúnias, perseguições de toda ordem repousavam no surgimento de cada potencial representação de Cristo corporativo. Alguém tinha que pagar o preço e as igrejas eram o preço de sangue e lágrimas. Quando o poder é perdido, talvez por negligência, idiotice, discórdia, divisão, formalism, ou perda do senso do valor da verdade, ou por qualquer outro motivo, o único caminho de recuperar será através de um novo batismo no sofrimento, no remorso, nas lágrimas e dores. Esta é seguramente a correta interpretação da Segunda Carta aos Coríntios. Esta é também seguramente a chave para a situação na maioria das igrejas em Apocalipse dois e três. Isto definitivamente está implícito no caso de Laodicéia. Por todas as leis da natureza e da graça, uma igreja que não sofre por sua vida é uma igreja fraca e ineficiente.

3. Ainda perseguindo a linha da história de Paulo e da Igreja, temos que dizer que uma representação local da Igreja — e todos os seus membros — deve ser o resultado de um encontro com Deus em Cristo. Qualquer ministério corporativo ou pessoal que seja frutífero como o de Paulo, mesmo num grau limitado, deve ter tal encontro em seu início. A Cruz e a Ressurreição de Cristo foram isso para o núcleo, a companhia representativa. A Cruz foi devastadora e desoladora para toda autossuficiência, autoconfiança, orgulho, ambição e presunção do homem. A Ressurreição foi a invasão e a tomada da vida de Outro. Isto é tão claramente visto no caso do homem que, mais do que qualquer outro, representou aquele núcleo, a saber Simão Pedro. Ele era um homem quebrado e despedaçado pela Cruz, porém reconstituído numa outra base através da Ressurreição. Quanto à grande revelação do "Mistério" de Cristo e Seu Corpo — a devastação de Paulo e sua própria sobrevivência deu-se por meio deste encontro na estrada de Damasco. Tal encontro, mais cedo ou mais tarde, pessoal ou coletivo, deve repousar na fundação de uma vida corporativa. Ela pode acontecer no início ou mais tarde. Pode ser uma necessária retomada após algum fracasso. Muitas igrejas, e muitos servos de Deus, tem tido a sua história dividida em dois por meio de tal encontro. Antes, um ministério ordinário, limitado e sem poder. Após, uma libertação e uma ampliação, com muito fruto espiritual. Um pequeno livro publicado pela Imprensa Moody, Chicago, chamado *Experiências de Crises nas Vidas de Célebres Cristãos* é um exemplo disto em muitos casos.

4. Se a Igreja Universal está acima de todas as diferenças terrenas, então a igreja local deve ser super-nacional, super-denominacional, super-interdenominacional, no espírito e na comunhão. Sempre falamos que Cristo não pode ficar confinado ou encaixotado em nenhuma categoria que pertença a este mundo. Seu temperamento se sobrepõe a todas estas categorias. Sua nacionalidade, seu tempo, seu ensino e sua pessoa atende e supre a necessidade de todos, mas Ele não pode ser propriedade de quem quer que seja. Temos visto obras da imaginação artística do homem tentando retratar o grande cenário em Apocalipse cinco: "E o número deles era milhares de milhares". No retrato do artista, com todo o bom significado no mundo, o artista pintou povos de todos os povos, cores, físico, roupa, pele, idade e estatura. Bem, como dissemos, o motivo e intenção eram bons, mas quem pode descrever corpos ressuscitados?

"Transformados segundo o Seu corpo glorioso" (Fil. 3:21, A.V.); "Ressuscitará um corpo espiritual" (1 Cor. 15:44). Podemos ficar bem certos de que tudo aquilo que é resultado do fracasso do homem, que causa estranhamento, que é "estranho", irá desaparecer para sempre.

O ponto é o seguinte, se Cristo e aquilo que é d'Ele pelo Espírito Santo for a constituição da Igreja, então nossa reunião, nossa amizade, nossa comunhão deve se dar na base daquilo que é de Cristo em todos os cristãos. Referimo-nos à vida básica de todo verdadeiro cristão. Quando ela vem à obra do Senhor, pode haver coisas que nós não conseguimos aceitar, embora ainda nos apeguemos ao terreno da vida. Este certamente é o significado da Mesa do Senhor. Em "Efésios" Paulo vê apenas uma única Igreja, embora ele saiba tudo a respeito das muitas igrejas. Pode haver um milhão de pães e cálices e mesas no Cristianismo evangélico em cada nação debaixo do céu. Mas o Senhor enxerga apenas um pão e um cálice. Até mesmo quando o pão local é partido e "dividido entre nós", o Senhor ainda vê apenas um pão. Cristo pode ser compartilhado, mas não dividido; Ele permanece um Cristo em "milhares de milhares" cristãos que compartilham a Sua vida. Quando o Senhor faz algo em nós, mudando assim a nossa mente a respeito dos nossos primeiros entendimentos, a tentação e a batalha pode facilmente vir e nos tornar independentes em espírito daqueles que ainda não foram mudados, e, então, a inclinação quase que incorrigível se estabelece e transforma a nossa particular experiência num "cisma". Embora possam haver valores reais e vitais nos tratamentos de Deus conosco, os quais nos fazem desejar fortemente que os demais também conheçam e experimentem, nós jamais devemos tornar a nossa experiência uma barreira entre nós e os verdadeiros filhos de Deus. A única expectativa e esperança é fecharmos os nossos olhos para muito daquilo que possa ofender a nossa sensibilidade espiritual (desde que não seja a pecaminosidade de vida) e seguirmos o curso positivo de comunhão em Cristo, o que é possível pela graça de Deus, sempre evitando a praga de qualquer atitude ou conversa que possa ser interpretada como superioridade espiritual. Desentendimentos por causa da ignorância, do preconceito, ou da falta de investigação, são inevitáveis, porém, mesmo isso não pode fechar os nossos corações, fazendo-nos voltar para nós mesmos. Embora o muro da Nova Jerusalém não signifique um limite definido, uma demarcação daquilo que está "dentro" e daquilo que está "fora", em relação a Cristo, precisamos lembrar de que são "doze mil estádios" em cada direção, cujo simbolismo pretende significar quão grande É Cristo e, portanto, quão grande é a Sua Igreja.

Quando Paulo se pôs a escrever a Primeira Carta aos Coríntios, ele sabia que iria lidar com o espírito partidário e sectário. Por isso ele abriu a Carta com o verdadeiro terreno e alcance da comunhão cristã. "Santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos aqueles que em toda parte invocam o nome do nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso". Nesta mesma dimensão ele encerrou a Carta aos "Efésios": "A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade".

5. Se for verdade, como estamos tentando mostrar, que a história de Paulo personificou os princípios da revelação que se tornaram sua "Administração", uma característica desta história deve ser observada e assumida na igreja local. Isto é, uma compreensão dominante de Cristo. "fui preso por Cristo" (Phil. 3:12). A palavra "preso" é bem forte. Significa ser arrastado, vencido, apropriado e trazido sob controle. É a palavra usada em João um,

referente à luz e às trevas. "E as trevas não prevaleceram (prenderam a luz)" Ela também é usada em relação ao poder dos demônios em possessão. Como resultado desta prisão, Paulo sempre se referia a si mesmo como "prisioneiro de Jesus Cristo" e "escravo de Jesus Cristo" e 'trazendo em seu corpo as marcas de Jesus.' Esta experiência, nascido de um evento, significou para Paulo a perda de toda a independência, direção própria, governo próprio, e o governo do mundo. Significou o absoluto governo de Cristo. Aqui estava um homem que tinha uma preocupação dominante por Jesus Cristo. Não por isto ou por aquilo, mas por uma Pessoa. Sua primeira exclamação no encontro foi "Quem és, Senhor?" e em capitulação ele seguiu com "O que devo fazer, Senhor?" Este Senhorio não era mera doutrina para ele, era um senhorio completo. Muito pessoal; pois, para os duplos chamados num encontro com Deus — tal como "Abaão, Abraão!", "Jacó, Jacó!", "Moisés, Moisés!" "Samuel, Samuel!", "Marta, Marta!", "Simão, Simão!" — o último foi pelo nada menos do que o menor: "Saulo, Saulo!" Tal senso real de ter sido chamado com um propósito deve ser um constituinte de e em qualquer igreja local. Perder o senso da vital vocação, propósito e destino, é perder o dinamismo e se tornar apenas uma existência, ao invés de um impacto.

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 10 - O Objetivo Todo-Inclusivo**

"Até que todos cheguemos à unidade da fé ... à medida da estatura completa de Cristo". (Efésios 4:13).

Tudo antes e depois disto nesta Carta tem o seu foco nesta frase. Você pergunta: "Do que trata toda esta Carta?" A resposta está em quatro palavras: "A Plenitude de Cristo". Os dois usos desta palavra "Plenitude" pelo apóstolo nesta Carta não apenas resume toda a Carta, mas apresenta a coisa mais maravilhosa e notável neste documento, e, de fato, a coisa mais maravilhosa da Bíblia. No capítulo um, verso vinte e três, a espantosa declaração é que a Igreja, que é o Corpo de Cristo, é "a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Isto parece claramente significar que Cristo não pode se tornar pleno como Cabeça sem o Seu Corpo: que Ele precisa e depende de Seu corpo para a Sua própria realização e expressão. Mais ainda: "Ele "cumpre tudo em todos", porém, precisa de Seu corpo, a fim de cumprir o Seu propósito. O Corpo e a Sua plenitude, o Seu complemento. No capítulo quatro, verso treze, a finalidade desta verdade é trazida ao longo de uma linha para um climax futuro. "Até que todos alcancem" está linkado a uma provisão de funções multi facetado. Somos informados que, em Seu retorno para o Céu — "Quando Ele subiu às alturas" — o Senhor Jesus imediatamente "deu dons aos homens". Foram dons pessoais, ou homens-dons, e os tais foram pessoas tornadas cativas d'Ele. Mas estes homens eram a expressão de várias funções: 'Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores and Mestres — diferentes funções, cada uma dada "conforme a graça e a medida do dom recebido", porém, todos unidos e energizados por um único objetivo. O Apóstolo — inclusive; os outros três (sendo Pastores e Mestres uma função) formando um ministério interrelacionado e interdependente. Não são diferentes "Escolas ou categorias trabalhando em separado, mas apenas aspectos ou funções de um único corpo. Tem que haver um reconhecimento mútuo, uma avaliação e uma cooperação mútua. A separação dessas três funções pode resultar numa condição de instabilidade, e, falta de equilíbrio sempre resulta em fraqueza e perda. Dar ênfase desmedida ao evangelismo resulta apenas em ter cristãos imaturos. Dar peso desmedido ao ensino pode resultar em introversão, a qual está divorciada do objetivo concernente à salvação dos homens.

Numa assembléia local, constituída pelo Espírito Santo, visando ao seu pleno crescimento, todas essas funções devem estar presentes. Aquele que ministra deve conhecer qual é o seu dom, a sua graça e a sua unção específica; e a assembleia também deve conhecê-la. As coisas ficam confusas quando existe uma tentativa de ser e de fazer algo contrário à unção. Que patéticas, e mesmo trágicas, situações surgem quando os homens tentam ser aquilo para o qual não foram ungidos! Um líder deve obviamente ser ungido para esta função, e a unção deve ser aceita e reconhecida. O mesmo deve ser verdade de todas as demais partes do ministério. Porém, cada dom pessoal deve — e isto é absolutamente imperativo — manter o único objetivo em mente, e definitivamente contribuir para ele. — "A plenitude de Cristo," porque é a "medida do dom de Cristo". A questão pode surgir quanto a conhecer qual é a nossa função particular.

A resposta em geral, naturalmente, será que, se nós buscamos ser membros responsáveis do corpo, na igreja local, iremos descobrir que o Espírito Santo nos encarrega e nos exercita de modo particular. Observe: isto não é algo oficial. Isto é, não é algo que consiste em sermos ungidos por homens, ou por meio de nossa presunção, mas por meio do nosso exercício espontâneo e voluntário no tocante aos interesses de Cristo em Seu corpo. O Senhor salva o Seu corpo, e os seus ministros, da cena patética de ministérios que não são definitivamente a projeção do "Ele deu..."; nada de homens escolhidos e apontados; nada de franquear o púlpito para todo aquele que queira tomá-lo. O "dar" do Senhor é seletivo, específico e deliberado.

Devemos indicar aqui algo muito precioso e útil neste contexto do procedimento do Novo Testamento. Está indicado na primeira Carta a Timóteo, capítulo quarto, versículo quatorze, e implícito em várias outras passagens. "Não negligencies o dom que está em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério". O "Presbitério" aqui não significa necessariamente apóstolos especiais, mas certamente o que diz em Primeira Timóteo, capítulo cinco, verso dezessete — "aos anciãos que governam bem". Verdade, Paulo falou do "dom de Deus", que está em ti por meio da imposição das minhas mãos" (2 Tim. 1:16). Pode parecer claro que, algumas vezes, havia uma oração sobre os membros do corpo de Cristo, e que, na oração, o Espírito Santo constrangia a pedir alguma qualificação através do qual as pessoas em questão fariam algo específico no corpo. Em outra parte Paulo exortou Timóteo a "cumprir a obra de evangelista, a cumprir cabalmente o ministério" (2 Tim. 4:5; A.V.), e a Arquipo ele enviou uma mensagem específica no sentido de que ele pudesse atentar para o ministério recebido do Senhor; que o cumprisse. (Col. 4:17). Pode ser uma coisa muito boa se todos os ministérios fosse resultado de tal ação específica em oração! Haveria muito mais "plenitude de Cristo", e muito menos ineficiência e inútil "sabedoria dos homens."

Nossa passagem em Efésios quarto, verso treze, indica que o corpo, esteja universal ou localmente representado, deve, por intermédio dos ministérios, estar progredindo na direção à plenitude final. As palavras são "a edificação do corpo de Cristo". O termo "Edificar" na Versão Autorizada, é meio tendencioso, porque carrega a idéia de uma edificação vertical, procedente dos ministros. Embora o crescimento seja corporativo, porém, deve ser verdade em cada membro. Embora Paulo misture suas metáforas, ora falando de um Templo, ora do corpo, ele finalmente apresenta o corpo como "o homem plenamente crescido" e o que ele quer dizer com edificar é visto no capítulo quatro, verso quatorze: "não mais sejam meninos." É a transição da meninice, na qual as pessoas em questão estão sempre tendo que ser cuidadas e, como crianças, chamam a atenção o tempo todo para si mesmas, para uma posição em que podem assumir responsabilidade espiritual e cuidar dos outros, com uma preocupação voltada para os outros membros do corpo. É uma questão de aumento da medida de Cristo.

"Até..." representa um processo, um progresso; "até que cheguemos" é um objetivo corporativo; "a plenitude de Cristo" — alvo alcançado. Do capítulo quatro, versos dez a quinze, somos levados para trás, para a eleição, para o chamado e vocação, para a conduta e caminhada relevante, e, a partir de então, o conflito e a demanda por "posição". Tudo faz referência e se foca no "alcançando a plenitude de Cristo".

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 11 - Conclusão. A Base de Tudo**

Tendo apontado para o objetivo inclusivo, não podemos encerrar sem mais uma ênfase especial sobre a base exclusiva. A pergunta que estará em muitas mentes é: Como tudo isto acontecerá na Igreja, nas igrejas e no indivíduo? Há uma resposta, mas ela irá nos desafiar no profundo e em cada ponto de nossas vidas. Muito — talvez tudo — irá depender de quão seriamente estamos interessados no propósito de Deus, e, portanto, quão prontos estamos em colocar de lado todo o preconceito, superficialidade, ceticismo, familiaridade e, talvez, tradições. É o caso dos apóstolos. Estavam as coisas diferentes do que deveriam estar nos dias deles? Havia uma condição na igreja em Roma que demandava tal tremenda correção como aquela grande Carta escrita a eles? Havia um estado de coisas em Corinto — divisões, carnalidades, desordens, rivalidades, dissensões, e outras coisas piores, as quais pediam tal correção, como a Primeira Carta a igreja que estava lá? Havia uma incipiente perda de glória na Galácia? Havia uma "mosca no bonito bálsamo" em Filipo? Havia alguma ameaça de falsa espiritualidade em forma de misticismo em Colossos? Sim, tudo isto e outras coisas, que ameaçavam o testemunho das igrejas e sua influência no mundo. Os apóstolos não desculparam, não sancionaram, nem aceitaram nada daquilo. A atitude deles foi: "Essas coisas não devem permanecer". Como eles lidaram com aquelas situações? Tinham eles alguma base e meio comum de abordagem e remédio? Sim, eles tinham! Em cada caso era a mesma coisa.

A Roma foi: Romanos 6:3-10; 12:1,2.

À Galácia: Gálatas 2:20; 5:24; 6:14.

A Filipo: Filipenses 2:5-8.

A Colosso: Colossenses 2:11,12; 3:3.

Bem, há, puro, claro e positivo: a Cruz de Jesus Cristo trazido pelo Espírito Santo bem à raiz e fundação da vida de cada cristão. Uma crise fundamental e, depois disso, uma obra interior e exterior. "Nós", "Vós", "Eu" — todos os pronomes de aplicação direta. Os cristãos creem no Espírito Santo. Muitos desejam conhecê-lo como uma realidade e um poder em suas vidas. Porém, deveria ser compreendido e reconhecido que o Espírito Santo está empenhado e ligado à Cruz. Sua vinda aguardou a obra da Cruz. Somente após a simbólica representação da Cruz na morte, sepultamento e ressurreição com Cristo no batismo — assim entendido — o Espírito Santo de fato assumiu o seu lugar com poder nas vidas dos primeiros cristãos. Devido à raiz principal de tudo o que a Cruz foi destinada a tratar ser a vida do ego, cuja palavra do Novo Testamento é "a carne", o Espírito Santo conduz as pessoas sob o seu governo a experiências que são calculadas com a finalidade de expor e trazer a vida do ego dos filhos de Deus. É uma parte primária e inseparável da obra do Espírito Santo tornar real o significado da Cruz.

Isto não é algo popular, mas é a porta para a plenitude espiritual, e, quanto mais profunda a Cruz, maior a medida, o poder e a luz da vida ressurreta. Isto toca todo o terreno e alcance da autoridade de Satanás. O poder sobre Satanás é algo inseparável da Cruz. Por isso ele irá fazer



tudo o que for possível para destruir, colocar de lado, desvalorizar e desacreditar a Cruz. A Pessoa de Cristo e a Cruz de Cristo tem sido a base da mais amarga controvérsia na história do Cristianismo. Naturalmente, eles são uma coisa só. É a Pessoa quem dá à Cruz o seu real significado e valor, e é a Cruz que reincidenta a Pessoa; desde que a Cruz signifique morte, sepultamento e ressurreição para a glória. As Escrituras citadas anteriormente e muitas outras deixam claro que a Cruz de Cristo é algo mais do que um evento histórico de muito tempo atrás. É algo que tem que se tornar muito real na experiência, e não apenas na doutrina, do cristão. Mas quem poderia sobreviver à Cruz naquilo que ela significou no caso de Jesus Cristo? Ela o rasgou, devastou e desolou, alma e corpo, coração e mente. Para Ele significou uma ida às trevas exteriores, ao abandono. Toda a agonia eterna foi concentrada em algumas horas e a um último terrível momento. Não há outra criatura no universo que poderia passar por isso e sobreviver. Graças a Deus, nenhuma outra criatura jamais foi requerida a passar por tudo isso: Ele sofreu tudo por nós. E há outro aspecto daquilo que concerne à nossa "união com Ele à semelhança de Sua morte" (Rom. 6:5) e "trazendo sempre e por toda a parte a mortificação de Jesus" (2 Cor. 4:10) e a "comunhão de Seus sofrimentos"; o beber do cálice que Ele bebeu. Esta obra de Sua morte na Igreja e no cristão sera progressivo. A lei da natureza, que é apenas outra maneira de falar da lei de Deus, é mais vida, mais fruto, mais crescimento, pelo recorrente Inverso e Primavera, alternando experiências de morte e de vida, cada ciclo para aumento. Esta é a lei da Cruz (João 12:24). Deus não é um Deus de teorias; Ele imensamente prático.

Um dos maiores inimigos da plenitude é a superficialidade. Esta é uma era de "retornos rápidos", ganhos fáceis, menos problemas, tudo com o menor esforço, problema e custo possível. Profundidade é uma dimensão de perda. Vigor é uma qualidade negativa. É por isto que Deus permite as guerras, as convulsões da natureza, e as dificuldades. O Céu apenas irá vir através da tribulação — tribulação é o princípio da Cruz que Deus está mantendo diante dos homens. Serão aqueles que participarem do Seu trabalho que irão participar do Seu reino.

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 1 - Introdução**

#### **Próximo ao Fim da Jornada**

A última fase de sua peregrinação tem chegado. O fim da jornada está à vista. A carreira foi praticamente completada; e que carreira foi! O servo fiel, o guerreiro marcado pela guerra, o maior dos missionários cristãos, dos edificadores de igrejas, e dispenseiros das riquezas celestiais, irá em breve receber "a coroa da vida", preparada para ele. Suas "frequentes viagens" estão prestes a dar lugar ao "descanço que o aguarda". Seu "trabalho cada vez mais abundantemente" está praticamente terminado. Ele expressa uma esperança de que possa ainda visitar alguns de seus mais amados convertidos (Fil. 2:24). (Alguns acreditam que esta esperança foi realizada, e que, por um curto período de libertação, ele ainda viajou a lugares mais distantes. Mas não temos qualquer registro a respeito disto no Novo Testamento). Paulo encontra-se, agora, na prisão em Roma, e Lucas conclui o seu registro com este período lá "em sua casa alugada". Este homem, que viu a soberania de Deus em cada vicissitude de sua vida, não fracassou em continuar vendo esta soberania em sua chegada a Roma, bem como em sua estada lá, tão diferente daquilo que ele esperava (Rom 1:15).

#### **Desapontamento e a Designação de Deus**

Ao fazer uma avaliação de sua situação, Paulo não mais estava chegando à conclusão de que, na soberania Divina, fosse possível a realização de outro forte desejo que estava em seu coração, o qual não pôde ser cumprido por ocasião de suas muitas viagens. Paulo escreveu cartas, longas e curtas, cada uma delas escritas em relação à alguma necessidade e situação particular. Nenhuma delas se desviou — com exceção de uma ligeira referência — desta demanda específica. Durante suas longas viagens, Paulo exercia a sua atividade profissional, a fim de ganhar o seu próprio sustento, tornando impossível, assim, que os críticos pudessem acusá-lo de viver às custas dos seus convertidos; e, por meio de extraordinárias e especiais experiências, tais como o ser "arrebatado até o terceiro céu (numa visão ou sonho) e ouvir coisas indiscreíveis" (2 Cor. 12:1-4); não omitindo aqueles dois anos no deserto da Arábia; vários anos sozinho em Tarsus logo após a sua conversão; e um longo período de aprisionamento em Cesaréia; tudo isto deu a ele muito tempo para meditar, permitindo que o Senhor falasse a ele. Desta maneira, um imenso acúmulo de conhecimento espiritual ficou acumulado em seu coração. Estando muito certo, como geralmente ele dizia, que esta "revelação" era uma "dispensação" para o "Corpo de Cristo", sem dúvida alguma ele ficou esperando por um tempo quando pudesse ter oportunidade e desprendimento suficiente para despejar o seu espírito na escrita. Sabemos agora que tal tempo e oportunidade simplesmente não poderiam ter sido negados a ele, pois o fruto disto tem sido uma bênção indizível para a Igreja ao longo desses séculos.

Bem, como dissemos, estranha como possa ter parecido a providência, quando ele olhou primeiro ao redor de sua casa, e também para os guardas romanos e para as suas cadeias, percebendo logo que aquela poderia ser a grande oportunidade pela qual estava esperando.

Muito provavelmente, parece que, com toda aquela percepção que chegara a ele, talvez durante as longas noites após os visitantes terem ido embora, foi Paulo inundado por todas aquelas revelações. Concluímos isso a partir do modo, maneira e também do teor daquilo que ele se propôs a escrever. A princípio Paulo teve em mente as igrejas da Ásia (embora o Senhor tivesse propósitos muito maiores) e aquilo que ele escreveu foi destinado a circular entre elas; provavelmente um espaço em branco fora deixado para que fosse preenchido com o nome particular, tal como "aos santos estão em ..." (o nome "Efésios" não aparece nos primeiros manuscritos). Contudo, há pouca dúvida de que este transbordar de coração tivesse uma direção específica para essa tão grande e espiritualmente influente igreja em Éfeso. Isto pode ter importância secundária, diante de tão grande propósito Divino ao ter dado a inspiração.

### **Coração Transbordante**

É a maneira de Paulo que significa tanto, como uma primeira impressão. Nosso subtítulo é um exemplo desta maneira. A Carta aos Efésios, assim chamada, é escrita em termos superlativos. Olhe para alguns desses superlativos: "A sobreexcelente grandeza de Seu poder" (1:19); "a plenitude daquele que enche todas as coisas" (1:23); "as abundantes riquezas de Sua graça" (2:7); "as insondáveis riquezas de Cristo" (3:8); "a largura, o comprimento e a profundimento", "o amor de Cristo, que excede todo entendimento", "toda a plenitude de Deus" (3:18,19); "abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos" (3:20); "acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas" (4:10); "a plenitude de Cristo" (4:13); "uma igreja gloriosa, sem mancha, nem macula ou coisa semelhante" (5:27).

Não estamos nós corretos ao dizer que Paulo foi incapaz de conter sua plenitude? Então, não apenas suas frases, mas também a sua forma gramatical. Ele irá começar numa determinada direção, e, então, quando um pensamento adicional lhe chega à mente, ele irá divergir e sair pela tangente, não voltando à linha anterior novamente até algum ponto mais adiante. A frase mais longa, sem um "ponto", um ponto final, no Novo Testamento ocorre nesta Carta. Paulo está tão pleno e tão entusiasmado para que possa parar, a fim de atender algumas tecnicidades literárias. As comportas estão abertas, e, como uma torrente, o apóstolo se põe a derramar toda aquela plenitude há tanto tempo reprimida. Quando Paulo chega para considerar a natureza da revelação dada a ele, então podemos compreender melhor por que ele foi tão expressivo em superlativos. No momento nós estamos apenas registrando a força da inquietude do apóstolo em passar, finalmente a revelação.

Fiquemos um pouco mais nesta carta.

Algumas pessoas podem não concordar conosco, e algumas podem pensar que estamos exagerando quando dizemos que esta carta é

### **O Maior Documento Já Escrito**

Nós teremos que justificar esta opinião, mas não teremos falhado completamente quando tivermos terminado.

Quando falamos "maior", naturalmente não nos referimos a comprimento, mas em valor e conteúdo intrínseco.

Esta é a coroa e essência do ministério de Paulo. É o climax do seu ministério. Aqui estão alguns comentários de estudiosos cristãos notáveis:

"a consumada e mais abrangente declaração que o Novo Testamento contém do significado da religião crista, misturando como em nenhum outro lugar seus elementos espirituais, morais e universais".

Ou de outro:

"A comunicação mais sublime jamais feita aos homens foi feita a partir de uma prisão romana, por alguém que, em sua própria estima, era 'o menor de todos os santos' "

"Esta epístola é uma das mais nobres do Novo Testamento."

"Uma epístola divina brilhando com a chama do amor cristão, e o esplendor da santa luz, e fluindo com fontes de água viva."

"A obra mais celestial de alguém cuja própria imaginação está povoada com as coisas dos céus."

"Nesta carta, a mais divina composição humana, está toda doutrina crista; primeiro, aquelas doutrinas peculiares ao cristianismo; etc."

"É, enfaticamente, a epístola da Ascensão. Nela nós nos elevamos, como que nas asas da inspiração, a alturas divinas. Palavra após palavra — e pensamento após pensamento — agora "os lugares celestiais", agora "espiritual", agora "riquezas", agora "mistério", agora "plenitude", agora "luz", agora "amor", parece, por assim dizer, para deixar atrás deles "um rastro luminoso" neste céu profundo e brilhante".

"É o mais avançado, o mais sublime, o mais profundo, a declaração mais final do Evangelho de Paulo".

Apressemos-nos a dizer que a nossa própria avaliação não é resultado de termos lido tais estimativas, como as acima, pois essas são de descobertas bem posteriores. Nós chegamos à nossa própria conclusão após muitos anos de leitura e meditação nesta Carta de Efésios, e no ministério de Paulo em geral. Mas estamos muito alegres por ter a nossa avaliação confirmada ou verificada por homens de maior conhecimento do que o nosso.

Até agora apenas introduzimos a Carta. Seu conteúdo, ensino e mensagem irá ocupar o espaço principal, embora permanecendo ainda muito além da nossa compreensão. Antes de mergulharmos nestas profundezas, e sem jamais alcançarmos muito longe além da superfície, precisaremos dar uma atenção para o homem em si, e para como o homem e o seu ministério são uma coisa só. Antes de prosseguirmos, lembremos aos nossos leitores de um ou dois fatos óbvios, embora impressionantes.

Quando o apóstolo Paulo se pôs a escrever esta Carta, ele não tinha a menor idéia de que estava escrevendo a Escritura Sagrada — a Bíblia (em parte). Seu único pensamento e desejo era confirmar e complementar aquele "todo conselho de Deus" que ele "não tinha deixado" de

anunciar para — e através de — Éfeso e Ásia Menor durante os dois anos que ele esteve lá (Atos 19). Era uma carta que — em sua própria mente — ele estava escrevendo, e isto para uma localidade e uma necessidade. Jamais poderia ter ocorrido a ele que aquilo que ele estava escrevendo seria lido por um número cada vez maior de pessoas através de aproximadamente vinte séculos; que ela iria entrar num mundo cujo tamanho ele nada conhecia; que as pessoas de todas as raças debaixo do céu a teriam traduzida em seus próprios idiomas e dialetos; que ela iria dividir a cristandade pelo mundo afora nas maiores escolas opostas de teologia e interpretação; que o povo de Deus em todo tempo e em toda esfera iria se alimentar avidamente dela; que livrarias em todos os países teriam suas prateleiras cada vez mais repletas de “exposições”, “comentários”, “sermões”, etc, sobre esta Carta; e que, finalmente, tais avaliações, como as que temos feito acima, estariam ligadas a este pedaço de correspondência pessoal! Ele não apenas jamais teria imaginado isto como possível, mas teria tido um choque de espanto se pudesse ter previsto isto. Que defesa de seu testemunha! Que justificação de seus sofrimentos! Que revelação da soberania e da graça de Deus! Que inspiração e força isto pode ser para todo aquele que possa estar sofrendo em comunhão com Cristo, e que prova da verdade de suas próprias palavras: “Seu trabalho no Senhor não é em vão!”

## **A Administração do Mistério - Volume 2**

*por T. Austin-Sparks*

### **Capítulo 2 - O Homem na Mensagem**

Isto aqui não pretende ser algo tipo a "Vida do Apóstolo Paulo", mas tem mais a ver com o significado particular deste servo de Jesus Cristo. Embora haja aqueles fatores vitais e essenciais no caso dele que devem ser verdade em cada servo de Cristo, e que são básicos para todo ministério frutífero (como iremos mencionar mais tarde), tudo sobre Paulo indica que ele era de fato "um vaso escolhido (eleito)", conhecido de antemão, preordenado e selecionado. Isto era verdade particularmente na natureza do ministério para o qual ele foi "preso". A mesma natureza de ministério pode — em medida — ser o "chamado" de outras pessoas, mas Paulo foi o pioneiro. Todos os apóstolos permaneceram no mesmo terreno, no que tange aos fundamentos da fé: a Pessoa de Cristo; a obra de Cristo; redenção; justificação; santificação; a comissão para pregar salvação em Cristo para todo o mundo; a segunda vinda do Salvador, etc. Eles tinham a mesma fundação. Cada um pode ter tido "graça Segundo a medida do dom de Cristo"; isto é, segundo o dom pessoal deles, seja Apóstolo, Profeta, Evangelista, Pastor ou Mestre, cada um teve "graça" — unção, capacitação — conforme a responsabilidade, mas nas "fundações", isto é, em questões de fundamentos, eles estavam de acordo e eram um. Seja lá o que possamos falar, distinguindo Paulo, nem por um momento podemos tirar nem sequer um pequeno fragmento do grande ministério de João, ou de Pedro, ou Tiago, ou dos demais. Jamais o nosso Novo Testamento poderá sofrer a perda daqueles ministérios, e em alguma parte nós nos gloriamos neles. Quando tudo foi dito quanto ao valor deles — e seria um grande "tudo" — nós ainda temos que afirmar que havia, e há, aquilo que é único e particular no que veio através de Paulo. Permita-me dizer algo muito significativo e proveitoso antes de prosseguir.

Jamais teria sido possível a Paulo compreender sua vida antes da conversão até que ele viesse a estar debaixo das mãos de Jesus Cristo. Aquela vocação a qual ele tinha sido chamado quando Jesus se tornou o seu Senhor lança muita luz sobre a soberania de Deus na história passada dele. Este é um princípio que irá ajudar muitas pessoas e servos de Deus, o qual mostra quão imensamente importante é que Jesus seja não só o Salvador, mas o Senhor. Iremos ver isto melhor mais tarde. O nascimento judaico de Paulo, sua criação, treinamento, educação e profunda integração naquilo do qual ele iria ser libertado pelo poder de Deus, por se tratar de algo do qual Deus não mais necessitaria, é, em si mesmo, de tremendo valor educativo. O porquê de Deus, em sua presciência, ter mergulhado um homem em algo que, em última análise, não representa a sua mente é um ponto a ser observado. Muitos há que arguem isto, por desejarem muito saber se, pelo fato de Deus tê-los colocado em certo caminho, trabalho, forma, associação, devem eles permanecer lá para sempre, quer queiram, quer não. A história de Paulo diz NÃO a este argumento. Os caminhos de Deus, no caso de Paulo, mostram que Ele pode fazer tal coisa, e que toda a Sua soberania realmente pode estar no negócio, mas apenas para um determinado propósito, e um temporário propósito, a saber, dar um profundo e exaustivo conhecimento através daquilo que realmente, na melhor das hipóteses, é uma limitação ao pleno propósito de Deus. É necessário para um servo eficiente de Deus ter um conhecimento pessoal

daquilo do qual o povo precisa ser libertado. Abraão precisa conhecer a Caldeia; Moisés precisa conhecer o Egito; Davi precisa conhecer a falsidade do reino de Saul. Assim, Paulo teve que conhecer o proscrito judaísmo, a fim de poder falar dele com autoridade, a autoridade da experiência pessoal. Se fôssemos o salmista, colocaríamos um "Selá" aí. "Pense nisto!"

Mas devemos sublinhar dois aspectos deste princípio. Estamos nos referindo àquilo que definitivamente estava dentro da divina obra de 'operar todas as coisas Segundo o conselho de Sua própria vontade', e "segundo o Seu propósito". Paulo não estava mudando o seu Deus na conversão, Jeová seria o seu Deus para sempre. A mudança ocorreu no método de Deus. Ainda era Deus em operação. Falamos isto porque ninguém pode dizer que, só porque eles nasceram e cresceram desta ou daquela maneira, que a "providência" (significando Deus) pretendia que esta fosse a condição deles para sempre. Devemos ser do jeito que somos e permanecer onde estamos pela vontade soberana de Deus, e precisamos saber que, sem dúvida alguma, qualquer mudança significativa é igualmente de Deus, e a única maneira de nos livrarmos dela é por meio de clara desobediência à vontade de Deus apresentada a nós; um desviar-se do caminho. Certamente teremos demandas em nossa caminhada de fé com Deus, porque o elemento de aparente contradição pode estar presente. Nós não sabemos que batalhas mentais e da alma Paulo teve. Não está registrado que, devido à imensa revolução, ele tenha arrazado com o Senhor - 'Bem, Senhor, por sua própria vontade soberana eu nasci um judeu, e isto mais do que termos gerais: "da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, um hebreu de hebreus ... um fariseu". E agora, Senhor, tu estás requerendo que eu tome um curso que repudia e contraria tudo isto. Não é do teu feitio, Senhor, contradizer-se a Si mesmo; isto parece tão inconsistente. É como se eu não tivesse sido temente a Deus e não tivesse fé em Ti'. A mudança foi assim tão revolucionária que parecia haver dois caminhos contrários no mesmo Deus. Aqui estava uma grande ocasião para "confiar no Senhor de todo o coração, e não se apoiar em seu próprio entendimento". Poderíamos citar os casos de muitos servos de Deus, os quais foram levados a uma crise entre a razão e a fé, quando Deus estava exigindo deles respostas que pareciam contradizer toda a Sua direção anterior. Algumas delas exigiram muita obediência. Alguns viveram para serem exemplos de pessoas que perderam o caminho, ou o melhor de Deus.

Tudo isto tem a ver com a soberana preparação de um servo de Deus, para que ele pudesse verdadeiramente conhecer, por meio de uma profunda experiência, aquilo sobre o qual ele está falando. Isto, então, em resumo, quanto ao seu relacionamento judaico.

Mas Paulo foi eleito e destinado para ser o mensageiro especial de Deus às nações, e não apenas a uma. As nações estavam principalmente sob o domínio do governo romano e da cultura e língua grega. Através de seu pai, Paulo herdou a cidadania romana e, por meio do seu nascimento e de sua educação em Tarsus, ele teve tanto a língua como a vida e a cultura grega de primeira classe. Estas três coisas - judaísmo, cidadania romana e língua grega - deu-lhe acesso com facilidade a praticamente todo o mundo. Porém, somado a toda esta qualificação natural estava aquilo sem o qual Paulo jamais teria sido o fator real que a história testifica; ele foi ungido com o Espírito Santo. Muitas vezes a unção compensou a muita deficiência na educação e no nascimento, e os homens fizeram uma história espiritual que jamais teria sido reconhecida em terrenos meramente naturais. O Senhor tomou todas as providências para que

Paulo jamais pudesse tirar vantagens naturais no terreno do seu verdadeiro sucesso. Isto estava implícito ou indicado nas primeiras palavras registradas do Senhor a respeito dele (a Ananias) após a sua conversão: "Eu irei mostrar a ele o quanto importa sofrer por minha causa". (Atos 9:16).

A soberania de Deus é multi-facetada e possui muitos caminhos. É apenas quando a história plena é contada que temos a verdadeira explicação. No início e durante o percurso pode haver espaço para muitos "por quês?". Um Moisés e um Jeremias pode, com aquilo que estão convencidos, ser uma total deficiência ou contradição, mas a história sai em defesa de Deus e, no final, Sua sabedoria é justificada. Quando Deus diz "este é um vaso escolhido", é porque Ele conhece tudo a respeito do barro do qual o vaso é feito. Como veremos, as duas coisas implícitas as quais acabamos de nos referir irão se tornar incrivelmente aparentes. A primeira é que o mensageiro e a sua mensagem são uma coisa só; a mensagem é a constituição do homem e sua própria história sob a mão de Deus. E a segunda é que o homem não é apenas reconhecido por suas qualificações naturais, mas proeminentemente por Deus o ter ungido para ocupar sua posição e obra. Nenhum homem pode estar em qualquer uma delas, a não ser que ocupe uma posição completamente falsa, que se refira a algo que ele diga sem que tenha tido a experiência real. O homem, por exemplo, somente pode falar de quebrantamento se ele próprio tenha sido quebrado. Todo o ministério de Paulo foi fruto de uma história contínua com Deus de experiências profundas e geralmente dolorosas de conflitos. Era o "despojo da batalha". É absolutamente imperativo que possa ficar óbvio e manifesto que qualquer posição, função e ministério de alguém em relação a Cristo seja resultado da unção, para que a impressão e conclusão das pessoas seja esta: "este homem sem dúvida alguma foi ungido para este trabalho!" Unção simplesmente significa que a presença de Deus é muito evidente na vida da pessoa em questão, naquilo que ela está fazendo e na posição que ela está ocupando. Estar fora da posição é estar sem a unção neste particular. Nós não podemos escolher ou decidir o nosso lugar e função. Isto é algo orgânico, e assim como é desajeitado para a perna tentar fazer o papel de braço no corpo humano, assim também haverá sempre algo errado quando assumirmos um trabalho ou posição para a qual a soberania do Espírito não nos tem escolhido. Com todas as adversidades e oposições, é muito importante sabermos que estamos onde estamos por causa da determinação Divina, e não por nossa própria vontade. É uma coisa boa quando sabemos qual é e qual não é a nossa função, e respondemos em conformidade. Há funções suficientes no corpo para que cada membro, debaixo da unção, tenha a sua, de modo que a função irá expressar-se a si mesmo tão naturalmente como um olho vê, um ouvido ouve, uma mão segura, e assim por diante, desde que a cabeça esteja em pleno controle. Paulo tem muito a nos ensinar sobre este assunto, primeiro por meio de sua própria vida, e, então, por meio de seus escritos. A esta altura nós somos trazidos de volta ao ponto onde divergimos da mensagem para o homem, e devemos agora considerar esta diferenciação de função para a qual Paulo foi particularmente escolhido e preso.

### **A Distinta Vocação de Paulo**

Que houve uma diferente e peculiar importância no ministério de Paulo há um número considerável de evidências e atestações. Ele próprio sabia desta distinção e a ela



frequentemente fazia referência, tanto em relação à sua substância como à maneira como recebeu o seu ministério. Isto está expresso em palavras como estas:

"a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada"; "como me foi este mistério manifestado por meio de revelação... por isso, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo"; "a mim me foi dada esta graça... e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério" (Efé. 3:2-4, 8, 9).

Embora Paulo não diga que apenas ele teve o "mistério" revelado, ele afirma que, como ministério, como dispensação, o mistério foi revelado a ele de forma distintamente, diretamente do céu. Ele afirmava ter sido feito prisioneiro deste ministério específico. O que foi esta revelação será discorrido ao longo do que ainda temos para escrever. Para o momento, estamos apenas focados na vocação específica de Paulo.

Não menos importante, entre as evidências também estavam a fúria, as ofensas, o ódio, a malícia e a crueldade assassina do Diabo e de suas forças que, incansavelmente estavam focadas sobre este homem. Isto, seguramente, foi por causa da revelação que estava vindo por meio dele, e não por causa dele em si. E a coisa toda começou e se desencadeou sobre a mesma questão antes mesmo que Paulo fosse chamado. Para ver e compreender isto, temos que voltar para o homem que anteriormente tinha visto aquilo que a Paulo foi mostrado. Referimo-nos a Estevão, o primeiro mártir cristão, e ficamos profundamente comovidos quando lemos a história de sua morte. Mas quão pouco Estevão tinha compreendido, e quão cegos nós temos sido para o real significado de sua morte — a morte dele por meio dos homens controlados por Satanás.

### **Estevão – o precursor de Paulo**

Uma consideração cuidadosa do discurso de Estevão diante do sinédrio judaico irá mostrar que ele foi uma espécie de 'prefácio', uma introdução, ao ministério de Paulo. Se Estevão tivesse continuado vivo, paira uma dúvida se ele e Paulo não teriam formado uma ponderosa parceria na Dispensação do Mistério. Isto, naturalmente, supondo que o Senhor não houvesse predito que Estevão seria morto, e que, nesta presciência, Ele não tivesse designado Paulo como o único despenseiro deste mistério em sua plenitude. A soberania Divina raramente tem sido evidenciada mais do que foi no episódio que Paulo assistiu a morte de Estevão, embora como cúmplice dela. Na medida que acompanhamos Estevão em seu longo discurso, seguindo sua mente desde Abraão, Isaque, Jacó, os patriarcas, José, Israel, Moisés, Egito, o êxodo, Sinai, o tabernáculo, o deserto, Josué, Davi, Salomão, o templo, os profetas, até Cristo, o "Justo", há algo que domina a mente de Estevão, a qual é a chave de tudo e que - mais do que qualquer outra coisa - explica, define e caracteriza Paulo e o seu ministério. Este algo é que Deus está sempre, de eternidade em eternidade, avançando para um objetivo final. Através da queda do homem e da satânica obstrução e tentativa de frustração; por meio de uma variedade de formas, meios e pessoas, em todas as gerações e eras, Deus está sempre prosseguindo. Seus desejados e seletos instrumentos podem até se tornar mais um impedimento do que uma ajuda. Nações, impérios e sistemas podem se opor e oferecer obstrução; circunstâncias podem parecer limitá-lo, mas - em determinado tempo - vemos que Ele não desistiu, mas ainda

prossegue. Ele estabeleceu um propósito e um objetivo, e este objetivo será alcançado. Deixe os judeus "sempre resistirem ao Espírito Santo", como diz Estevão; tanto pior para eles. Esta é a tremenda conclusão do discurso de Estevão. Dentro desta inclusividade há outros aspectos. O propósito de Deus é um propósito celestial, vasto, espiritual e eterno. Nem o tabernáculo, com toda sua beleza interna e personificação dos pensamentos Divinos; nem o templo de Salomão, com toda sua magnificência e glória; nem o próprio Salomão com sua deslumbrante sabedoria e irresistível riqueza - diz Estevão - pode remotamente se comparar àquilo para o qual Deus está se movendo em relação ao Seu Filho. Isto não é feito "por meio de mãos humanas". Não é da terra. Não é a Casa de Deus (Atos 7:48,49). O Espírito Santo — diz Estevão, em efeito — cada dia está se movendo cada vez mais em direção a este grandioso propósito. Estevão, em sua hora gloriosa, conheceu a força devastadora daquilo com a qual Paulo contendeu durante toda a sua vida, a saber, a incorrigível disposição do povo de Deus de trazer para baixo e fixar aqui aquilo que é essencialmente celestial; de cristalizar as coisas espirituais dentro de sistemas construídos pelo homem; de lançar mão daquilo que é de Deus e torná-lo algo humano, algo privativo, legal, que está sob o controle humano. Estevão representa e é testemunha desta "Visão Celestial" (esta tornou-se a frase de Paulo) a qual fez com que ele experimentasse o mais violento e vicioso ódio dos interesse religioso, que, por detrás, escondia toda a inveja de Satanás. Toque as tradições religiosas e a ordem estabelecida e você irá descobrir a mesma coisa que Estevão, uma inveja resultante da cegueira ao vasto propósito de Deus. De alguma maneira você irá ser apedrejado! Seja por ostracismo, por exclusão, por portas fechadas, suspeita e má compreensão, tudo que é visto no caso de Paulo.

Será que já falemos o suficiente sobre Estevão, a fim de justificar e estabelecer a nossa afirmação de que ele foi - por assim dizer - Paulo em antecendência? Estevão em si mesmo é um exemplo do mover de Deus, apesar do inferno e dos homens, assim como Paulo também o foi em plenitude, quando os homens tiraram Estevão do caminho. Nós olhamos para trás, para a nossa afirmação inicial de que a maior evidência do específico ministério para o qual Paulo foi escolhido é a veemência do antagonismo satânico.

Tudo o que dissemos, e muito mais, irá, sem dúvida alguma, ser ainda abordado em nossa consideração sobre o ministério do próprio Paulo, porém, eu estou certo de que estamos começando a enxergar algo da sua significância. Ainda à frente, em nossa contemplação do coroado e consumado ministério do Apóstolo Paulo, há vários pontos de considerável valor que podem fazer com que um breve capítulo se faça necessário.